

AIRTON SOUZA

ORGANIZADOR

VI ANUÁRIO DA  
POESIA  
PARAENSE

© Anuário da Poesia Paraense  
by Airton Souza (organização) 2020

Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização  
por escrito do organizador e do respectivo organizador.

**Projeto gráfico, editoração eletrônica:**  
Pará.grafo Editora

**Capa:**  
Danielle Fonseca (Criação de arte)  
Dênis Giroto de Brito (Diagramação final)

**Revisão:**  
Airton Souza

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Souza, Airton (org.). Anuário da Poesia Paraense.  
Bragança: Pará.grafo Editora, 2020.

134 p. (16 x 23cm)

ISBN 978-65-87309-01-9

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura Paraense.  
3. Poesia Paraense. I. Souza, Airton. II. Anuário. III. Título.

CDD: B869.1

**Pará.grafo Editora**

---

CNPJ: 26.266.199/0001-98 Ins. Est. 15-8-0202684-5  
e.paragrafo@gmail.com // www.e-paragrafo.com.br

AIRTON SOUZA

ORGANIZADOR

VI ANUÁRIO DA  
POESIA  
PARAENSE





para os poetas paraenses **Olga Savary** e **Cláudio Cardoso**, em memória;  
para todas as pessoas que sucumbiram nesse ano trágico;  
e, para os que nunca defenderam os projetos de morte.



# Índice

Das vozes e suas necessidades (Airton Souza) .....	09
Danielle Fonseca .....	11

## *Poéticas paraenses*

Abilio Pacheco .....	15
Adão Almeida .....	17
Airton Souza .....	19
Ana Laura Figueiró .....	21
Ana Letícia Figueiró .....	23
Ana Meireles .....	25
Auridéa Moraes .....	27
Alkir Wagner Oliveira Viana .....	29
Benigna Samselski .....	31
Bertin di Carmelita .....	33
Bianca Levy .....	35
Bruna Ikeda Bastiani .....	37
Cláudia Chini .....	39
Cleni Guimarães .....	41
Creusa Salame .....	43
Dan Baron .....	45
Dani Arêde .....	47
Danielle Ramos .....	49
Eleazar Venancio Carrias .....	51
Elza Melo .....	53
Elzenir Gomes .....	55
Evaldo Baima .....	57
Fabiana Vieira Brito .....	59
Fabiano Vaz .....	61
Fernanda Isobe .....	63
Francisca Cerqueira .....	65
Giroto Brito .....	67
Glecia Sousa .....	69

Heloisa Helena M. de Moraes de Sousa .....	71
Ismael S. Nascimento .....	73
Ioneida Braga .....	75
Jayme Benarros .....	77
Javier di Mar-y-abá .....	79
José Rosa dos Santos Júnior .....	81
Jovencio Oliveira da Silva .....	83
Lara Borges .....	85
Lívia Rodrigues Mesquita .....	87
Lúcia Betânia Bezerra Martins .....	89
Lusa Silva .....	91
Mayanne Micaelli dos Santos .....	93
Márcio Maués .....	95
Maria Helena Viana .....	97
Maria Mariane .....	99
Maria Miquele Silva Ferreira .....	101
Otacílio Mota .....	103
Paulo Nunes .....	105
Paulo Vasconcellos .....	107
Rafael de Azevedo Silva .....	109
Renato Gusmão .....	111
Reunivan Tocantins .....	113
Rosa Peres .....	115
Rose Rosário .....	117
Rosilda Dax .....	119
Rosimar Coutinho .....	121
Sérvio Dias .....	123
Tássia Curcino .....	125
Taviko de Menezes .....	127
Wal Oliveira .....	129
Welk Alves .....	131

# *Das vozes e suas necessidades*

Com quantos e quais sentimentos os homens e mulheres amazônidas trazem à tona as múltiplas facetas de poéticas que ajudam a restituir os mais importantes sentimentos no/do ser? Com que olhos enxergam o mundo e tentam, a qualquer custo, devolvê-lo a outras pessoas reescrevendo-o?

Essas perguntas movem, em parte, todos os anos o projeto literário do Anuário da Poesia Paraense, que esse ano alcançou a 6ª edição de maneira ininterrupta, e cada vez mais como ação independente. Um trabalho que a cada edição contribui para alargar as fronteiras literárias no país. Sobretudo, dando vozes e fazendo essas mesmas vozes convergirem entre si, materializadas na publicação de um livro.

Esse projeto é uma pequena mostra das poéticas que vem sendo produzida no Estado do Pará. Configurando em si mesmo material histórico, porque ajuda a mapear as ações poéticas de várias regiões do Estado. Principalmente, trazendo à tona poéticas tão díspares, e que constituí uma pequena parte do complexo corpo das literaturas nas Amazôniaas.

Na edição desse ano a grande homenageada é a artista visual e poeta paraense Danielle Fonseca, que no campo das artes já venceu diversos prêmios, participou de importantes salões e possui uma vasta produção ligada ao campo imagético e das poéticas. Na capa da antologia figura uma de suas produções, como símbolo de reconhecimento ao seu grandioso trabalho artístico.

Dentro de uma perspectiva histórica o VI Anuário da Poesia Paraense, edição de 2020, agora é mais um dos testemunhos das poéticas do Pará. Cada página expõe vozes sociais, sentimentais, culturais e políticas de poetas que sonham todos os dias com um Pará de leitores e leitoras.

**Airton Souza**  
Organizador



# Danielle Fonseca

Danielle Fonseca é poeta e artista visual. Nasceu em 1975, em Belém do Pará, no Pará. Sua poética é composta a partir de elementos da literatura, poesia, filosofia, de música e da paisagem. Participa de exposições, projetos artísticos e literários: Foi indicada ao Prêmio PIPA 2016.

Obras em Acervos de: Casa da Cultura da América Latina da Universidade de Brasília/DF; Museu Casa Museu de Arte Contemporânea Casa das Onze Janelas – Belém/PA; Museu de Arte de Belém (MABE) – Belém/PA; Museu de Arte do Rio (MAR) – Rio de Janeiro/RJ; Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR) – Curitiba/PR; Museu de Artes Plásticas de Anápolis – Anápolis/GO; Fundação Rômulo Maiorana -Belém/PA; Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) – Porto Alegre/RS.

Realizou Exposições Individuais: “A Dama do mar não sente ciúmes”, Galeria da Casa das Artes - Belém/PA (2020); “Os Flutuantes: da narrativa às esculturas para a paisagem”, Kamara Kó Galeria – Belém/PA, 2017; “Nossos passos fazem jorrar a sede”, Centro Cultural São Paulo – São Paulo/SP, 2015; “Contraia os olhos: subitamente o ar parece estar mais salgado”, Kamara Kó Galeria – Belém/PA, 2013.

Participou de Mostras Coletivas como: “VAIVÉM”, Centro Cultural Banco do Brasil – São Paulo/SP, Brasília/DF, Rio de Janeiro/RJ e Belo Horizonte/MG, 2019/2020; Salão Anapolino de Arte – Anápolis/GO, 2019; “Porta de Banheiro”, Centro Cultural São Paulo – São Paulo/SP, 2018; “Entre Acervos. Arte Contemporâneo brasileiro”, Centro Cultural Rector Ricardo Rojas – Buenos Aires/Argentina, 2018; “Entre Acervos”, Palácio das Artes – Belo Horizonte/MG, 2018; “Do Ponto ao Pixel”, MABEU – Belém/PA, 2018; Projeto “Amazonian Video Art”, Centre for Contemporary Arts – Glasgow/Escócia, 2016; “Brasil: Ficciones”, Espaço Tangente – Burgos/Espanha, 2016; “Film and video programme SET TO GO”, Contemporary Art Centre – Vilnius/Lituânia, 2015/2016, SINNE – Helsinki/Finlândia, 2015; “Outra Natureza”, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa – Lisboa/Portugal, 2015; Mostra “Brasil: Ficções”, Armazém do Chá – Porto/Portugal, 2015; “Pororoca:

A Amazônia no MAR”, Museu de Arte do Rio – Rio de Janeiro/RJ, 2014; Exposição “Triangulações”, CCBEU/PA – Belém/PA, Pinacoteca de Alagoas – Maceió/AL, MAM-BA – Salvador/BA, 2014; “Com Licença Poética”, MUFPA – Belém/PA, 2014; “Deslize”, Museu de Arte do Rio – Rio de Janeiro/RJ, 2013.

# POÉTICAS PARAENSES



porque a trava do meu olho me impede  
de retirar a trava que está no seu olho...

tempo de escuridão e sombras e breu  
de canções alegres cantadas com tristeza  
de histórias belas contadas afeadas

há uma só brecha de luz neste cômodo  
um quarto de janela menos que meia  
suficiente para dar luz sobre mãos úmidas  
banhar de sol meus pés friorentos

concentro-me nela e súbito escurece  
numa sombra breve um flash ao contrário  
em algum lugar entre a brecha e o céu  
algum pássaro me cortou luz e sol

este instante fugaz, inesperado,  
tomou-me de susto

“Mais uma Marielle”.  
Isto me dói.  
Minhas raízes doem.  
As brancas pelo sangue nas mãos.  
As negras pelo sangue no chão.  
Dói-me da raiz dos pés até a raiz dos cabelos.  
Dói-me até a raiz da alma.  
Em mim, a culpa de quem mata  
  
e essa dor de morrer a cada dia.

**ABILIO PACHECO** é professor universitário de literatura (UFPA). Editor e organizador de antologias. Artista Visual noviço. Escritor de prosa, verso e cordel. Tem seis livros publicados; entre eles o Em despropósito e Canto peregrino a Jerusalém Celeste (finalista no prêmio internacional Glória de Santana). Obteve seu primeiro destaque literário aos 17 anos. A temática política, embora não predominante, tem uma forte presença na sua produção estética em geral.

Quem descobriu o Brasil?  
Foi Pedro Alvares Cabral?  
A pergunta é nebulosa  
Estridente e desleal.  
O índio já era o dono  
Antes mesmo de Cabral!

Surrupiam sua pátria  
Negaram o seu direito  
Foi tratado como leigo  
Degustou do preconceito  
Da negra Coroa Portuguesa  
Que deitou e rolou no leito

Massacraram o indígena  
Sem remorso e compaixão  
Miscigenaram sua cultura  
Com valor de preservação  
O índio está morrendo  
Por defender o seu chão

Chamaram de Monte Pascoal  
Depois terra de Vera Cruz  
Por denominar de Brasil  
Não fez índio andar na luz  
O indígena exige respeito  
Da classe que o conduz.

*Para Eliane Machado*

Marabá Marabela,  
Terra de borboletas azuis  
E borboletas amarelas.  
Tem por do sol incandescentes  
Nas tardes atraentes,  
No exercício da primavera.  
Minha Marabá Marabela,  
Tem mesclagens de cores,  
E as mulheres mais belas.  
Tem Lendas e memórias  
Do povo que vive nela.  
Tem realizações e desejos,  
Por isso não me vejo  
Morando distante dela.  
Minha Marabá Marabela,  
O que é bom pede bis!  
Aqui, plantei raiz,  
Na minha Marabá Marabela.

**ADÃO ALMEIDA** é poeta, cordelista e autor de livros infantis. Além disso, é membro efetivo da Academia Paraense de Cordel, da Academia de Letras de Marabá e de diversas instituições literárias. Atua no cenário em vários projetos de incentivo a leitura e a escrita. Ministra oficinas de escrita de cordel e já publicou diversos livros, entre eles *O peixinho Zizi*. Atualmente é funcionário público, atuando na Biblioteca Municipal Orlando Lima Lobo, em Marabá, no Pará.

*Para as coisas tristes em Brumadinho*

como compreender o mar depois da palavra lama?  
a lama não esqueceu as casas, os pássaros  
& de como acordar outras manhãs longe do rio  
antes da caridade milagrar a noite  
veio reacender para a fome dos homens  
os sintagmas da palavra: tristeza

ainda parece pedra o imperativo coração que sonha  
enquanto a lama torna sumário o ser que somos  
a barbárie mundo não pergunta pelas trucidadas flores  
agora incapazes de anunciar a primavera

algum dia será possível sarar a lama  
abraçada contra a cidade, o rio e os nomes?

dos corpos que nos faltam  
os carrascos dirão que tudo regressará ao pó  
[ os ossos diante da fé e da lama são princípios ]

na garganta do dia arrastaremos  
o desespero com mais perguntas  
porque o dilúvio do substantivo lama  
é a impossibilidade do mar em precipício

hoje, nenhum jardim saciará a sintaxe: beleza  
em agonia é preciso comungar contra a lama  
e recolher do extinto chão, o amor  
só ele milagrará alguns orvalhos depois da tristeza.

*para Leonice Souza que me ensinou como enfrentar os tigres  
antes de amar*

enquanto Drummond diz:

*..., sossegue, o amor  
é isso que você está vendo:  
hoje beija, amanhã não beija,  
depois de amanhã é domingo*

os tigres de Celan rodeiam a casa  
estão famintos dentro da genealogia da fé  
& de todo o princípio entre o verbo e a carne  
pois descobriram que o coração é imponderavelmente  
telúrico

enquanto Drummond repete:

*O amor no escuro, não, no claro,  
é sempre triste, meu filho, Carlos,  
mas não diga nada a ninguém,  
ninguém sabe nem saberá*

eu penso todos os dias  
na receita de como lavar a misericórdia  
só para enganar a mim mesmo  
sobre os tigres e o amor.

**AIRTON SOUZA** é poeta, professor, leitor e ativista. Vencedor de mais de 60 prêmios nacionais de literatura e publicou mais de 37 livros, entre poemas e infantojuvenis. É membro de diversas instituições literárias.

Enquanto você me observa  
Eu passo  
Não tenho pressa  
Te corrompo em cada espaço  
Te deixo marcas  
Físicas e na alma  
Não podes me segurar  
Não podes me pausar  
Sou infinito  
E tua vida  
É apenas um intervalo no meu tempo

Somos trens  
Sem trilhos  
Cheios de vagões  
Carregados de nossas memórias  
Grandes o suficiente para parecermos destemidos  
Mas frágeis o suficiente  
Para enferrujarmos  
E, com o tempo e falta de cuidado  
Somos apenas o passado  
De um futuro  
Que nos usou de alicerce  
Para novas histórias.

**ANA LAURA FIGUEIRÓ** é pisciana, nascida em águas de Março, em Belém do Pará. Engenheira de Produção e Artista Visual que sempre gostou de escrever poesias e desenhar. Logo, foi conquistada pela arte, sendo assim, vive entre montagens de exposição de arte e o fazer poesias.

Sinto-me presa em um vazio desconhecido  
Observando através da janela, enquanto vidas seguem  
seu caminho  
Minh'alma isolada dentro de uma carcaça cheia de sonhos  
Sente-se oprimida por uma vasta falta de fé em si  
Contenta-se em acreditar que tudo leva seu tempo  
para acontecer  
Enquanto, na verdade, ela depende de suas atitudes  
para que aconteça

Mover um dedo é mais pesado que carregar uma tonelada  
de arrependimentos  
Prefere ater-se a sua insignificância em um mundo tão vasto  
Do que se pôr à prova e fracassar

É tão doloroso observá-la da janela de meus próprios olhos  
Enquanto definha dentro de mim  
Como se fosse tão velha quanto o mundo

Sou jovem, cheia de energia e capacidade  
Mas sou fraca, baseando-me ao medo  
Como única opção  
Pergunto-me: quando será que eu irei de fato despertar  
e fazer algo por mim que me faça genuinamente feliz  
e me torne feliz?  
Temo que leve muito tempo  
Temo que nunca aconteça  
Afinal, dependo só e somente de mim mesma.

Corpos que se entrelaçam  
Que se amassam  
Mas não passam  
De uma noite em contato  
Só sentindo o tato  
Sem sentir o coração  
Não duram mais que um momento  
Sem sentimento  
Sem conexão  
Que se encaixam como peças de um quebra cabeça  
Mas nada além de uma noite em vão

**ANA LETÍCIA FIGUEIRÓ** é geminiana, nascida em meio aos fogos de artifícios das Festas Juninas. Professora de Dança e Publicitária. Entre canções, sentimentos e pensamentos, se inspirou para escrever suas poesias.

Quando o inverno lhe alcançou  
Já ouvia desde antes o vento soprar a mesma história:  
Um barco ancorado no porto, sempre e solitariamente  
[ à espera...  
À espera de um tempo que passava e da vida nada deixava.  
Um tempo sentido como nascedouro do incerto  
Que de esperança não se alimentava  
Um tempo que meditava cada passo em direção ao nada  
[ do vazio imprevisível,  
Sem disposição alguma para querer chegar à cidadela  
[ da indefinição.  
Tempo este tão corrosivo do corpo  
Que se infiltrava como cena de tragédia  
No espelho da alma.  
Um inverno cruel, de frio e secura...  
Em que as palavras dos que lhe experimentavam  
Nada mais eram que murmúrios soprados ao vento.  
Espécie de voz abafada, estrangulada, rasgada  
Que jamais diria da imensidão que é a dor de uma saudade...  
Que arde na garganta e escorre pelo conduto dos olhos,  
[ onde, melancolicamente, deságua.  
O tormentoso inverno de uma dor desolada.

Essência feminina, mulher  
Múltiplas são as tuas faces...  
Na correria do dia à dia...

Escondes nos olhos, muitas vezes  
O cansaço do corpo por tantos afazeres

O café quente posto à mesa  
Aquece a sua prece de Ser  
[E de se vestir de diversas formas]

A que vai correr para o alimento saciar  
A fome dos que lhe esperam...

A jornada é dupla, tripla  
Mas sabe internamente que dará conta  
De fazer o pão do Amor consolar

Pois bebe da vida a incumbência  
de fazer do corpo, um altar

Onde a sua força é destemida da aparência  
A reger um mundo de esperança e de sonhos

Em que a bravura de viver, de resistir e permanecer a sonhar  
Tem o doce perfume de mulher...

**ANA MEIRELES** é Psicóloga, formada pela Universidade Federal do Pará. É poeta. Já publicou vários livros, entre os quais: *Escritos ao Vento*, *Tempo meu*, *EntreVersos* e, em parceria com o poeta Marcos Samuel publicou o livro *Semblantes de nós*. Já publicou poemas em diversas antologias.

*Parafraseando Franciorlys ViannZa*

Oh, vontade  
De acordar nua em pelo  
Nua de fato  
De gramática e de acentos  
Só vestida do ato que me despiu

Oh, vontade  
De acordar nua e sem juízo  
Nua de cetim e de seda  
De cálices e rotas  
Farta de teu verbo  
E conjugada de açoites

Oh, vontade  
De acordar nua e sem diadema  
Nua de coroa e adorno  
De pare e de chega  
E ainda no cio

Oh, vontade  
De ser nua de algo imune  
De tréguas e traços  
Ser a conta da tua reza  
E contar que o vício é a palavra  
Para quem lê e para quem escreve

*Para Maria Eduarda*

Este azul dos teus olhos  
É como a fé que ganha luz  
É o matiz de Maria  
Dessa mesma cor  
Nasce a poesia sem final  
Que tu sejas  
O azul mais azul do céu  
O poema de olhos inocentes  
Meu lenço, meu lençol  
A rama de mil flores  
E a mais bela carta de amor  
Que tua íris em azul  
Seja também  
O azul do arco íris  
E eu, sem ti  
Nada saiba ser

**AURIDÉA MORAES** é natural de Castanhal, no Pará, mas, reside em Marabá, desde 2012. Pertence a Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará e ocupa a cadeira nº 06 da Academia de Letras do Rondo do Pará e Região. Já publicou diversos livros de poemas e participou em mais de uma dúzia de antologias.

Deus criou o mundo,  
A luz, os animais e tudo que há,  
Criou o céu, as estrelas, o mar,  
Do céu lançou alguns anjos azuis,  
Para combinarem com a cor daquele seu,  
Depois de um atrito, surgiu o livre arbítrio,  
Para reger tudo que há,  
Surgiu o bem, surgiu o mal,  
Surgiu o amor para envolver e acalmar,  
Surgiu o ódio e a dor para perturbar,  
Surgiu palavras que podiam matar,  
Surgiu também as que podiam consolar,  
É tudo uma moeda, um jogo, uma revelação,  
O mundo é cheio de possibilidades,  
E de desafios, de tantas afirmações,  
E de sua própria verdade,  
É preciso sabedoria, para viver na normalidade,  
Pois infelizmente a intolerância é realidade,  
As algemas da dor perfuram o coração, por um momento,  
Mas se estiver atento,  
Notaremos que a casca sara com o tempo,  
É como uma árvore de um fruto verde,  
É só se concentrar e ouvir cada passo,  
E lidar cada vez e , nutrir o coração,  
Para que este seja forte, forte como o aço.

Meio quente, meio frio,  
Essa é a nossa relação,  
O calor do amor, com a frieza de nosso coração,  
Ódio intenso, por você ser meu tormento,  
O amor incondicional, a união filial,  
A mesma boca que vem somar e colaborar,  
É a mesma que me mata e me fere,  
São estigmas, análise,  
São marcas de nossa idiotice,  
Sei que ainda há um igual,  
Mesmo nessa relação diferencial,  
A todo instante,  
Confesso que estar com você é sufocante,  
Mas não é como se eu quisesse me livrar,  
Pois ao seu lado ainda gosto de estar,  
Então ainda estarei odiando, mas amando,  
Amando e odiando,  
Até se esvaír com o fervor,  
E onde ainda habita o ódio testar só amor,  
Quero então, burlar a arrogância,  
E viver livre da sua ignorância,  
Seremos assim, dois opostos,  
Fogo e gelo, gelo e fogo,  
Pedindo socorro, que mesmo se fazendo mal,  
Resultam em uma composição essencial e vital.

**ALKIR WAGNER OLIVEIRA VIANA** nasceu em 2000 na ilha de Mosqueiro, no estado do Pará. Atualmente é aluno do curso de Farmácia, Universidade Federal do Pará, formado em inglês, autista, poeta e estudante de alemão.

Você veio chegando,  
Chegando, chegando,  
Como nuvem  
Que pensei se dissipar,  
E, pairando, pairando, pairando,  
sobre mim,  
você vem se agasalhar...

E que surpresa!  
Pois nem dá  
pra explicar  
com que destreza  
tanto amor me veio dar,  
quanta leveza,  
quanto sonho e pureza  
Como uma santa  
Me colocas num altar...

O que me encanta  
e o que me deixa inerte  
é essa prece  
da expressão  
do teu olhar,  
da sutileza  
inebriada de pureza  
de uma alegria  
Sem chance alguma  
de escapar.

Pois que assim  
se cumpra o destino  
meu menino!

e não importa  
a que caminho  
nos levará  
que a pureza desse amor  
nos ponha à mesa  
de incertezas  
pois não dá mais  
pra voltar..

E assim fica  
encantada a poesia,  
fica a magia  
de fazer por merecer  
um arco-íris  
Foi o que trouxe  
Para mim  
Pois as estrelas,  
as levarei até você.

**BENIGNA SAMSELSKI** é poetisa com participação em diversas antologias nacionais e internacionais. Foi também premiada pela Academia Paraense de Letras, em 2018 no Concurso de poesia em homenagem à Belém. Cantora e Compositora com Registro na Ordem dos Músicos do Brasil.

Mesmo as águas que se vão  
Tem o seu destino certo  
Mas, o meu está tão perto  
Que nem sei o que dizer...

Procuro por mim mesmo  
A todo instante  
Pode ser, só a outra metade  
Para que completo eu possa ser.

Minhas águas  
Passam por mim feito enchente  
Numa rapidez infinda  
Espero que talvez...ainda  
Encontrem uma paragem.

Mas que nunca seja estiagem  
De amor...de bem querer...  
Vem logo!  
Que meu eu só é completo  
Com a minha outra metade  
Que está fora de mim...  
Mas, está dentro de você!

Um início de vida  
De sonhos...castrados  
Sem rumos  
Sem direito a ter medos  
E uma vida adulta...  
Por seu brinquedo.

Feito um cigano-andarilho  
Quase maltrapilho-jogado  
Sua origem...coitado  
Seus brios...ao léu.

Por testemunha a terra, o céu  
Por companheiros...falta de abraço  
E para o cansaço  
Uma cama emprestada  
Que nunca será vossa.

Dou-te minha palavra...a nossa  
Que valerá sempre entre nós  
Palavras mudas, sem voz  
Entre vivos e mortais  
Talvez reviver...Eu possa  
E tu já revives, depois de jaz!

**BERTIN DI CARMELITA** é Adalberto Marcos da Silva, Natural de Belo Jardim-PE, reside em Marabá-PA desde 1987. Poeta é compositor e ativista cultural. É membro da AESSP – Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará (atual presidente. Membro da ALB-Academia de Letras do Brasil. Membro da ALERPRE\_ - Academia de Letras de Rondon do Pará e Região. Membro da ALMA- Academia de Letras de Marabá. Publicou os livros *SAUDADE PRESENTE* e *FAZENDA ALEGRIA*.

Na encruza que corta a palma da mão  
Uma única vez na vida  
Ficar ou partir?  
Nem penso, voo  
Sob o rio que corre em meus pés  
Subo cigana a margem do Itacaiúnas  
Ao encontro do que a carta antevê  
Rizoma das nossas mãos a se espalmar  
Pelo caminho que fingimos não saber  
Em cortesia aos mistérios que a vida nos traz.

No caminho que me leva até a ti  
chão e mato de perder a vista  
A cada parada, um amigo  
O primeiro me falou sobre amor  
daqueles de desbravar o mundo juntos  
O segundo falou da coragem de ir ao encontro,  
[ seja em qual recôndito a felicidade estiver  
A terceira falou sobre as leis, para reger com harmonia  
[ o presente dos deuses.  
Guardei todas as ofertas em uma caixa de prata  
Sabedoria dos velhos Ermitões a coroar afrodisíaco devir  
Como seres alquímicos, sabemos  
Destino é o nosso caminhar.

**BIANCA LEVY** é escritora, performer, arte curandeira e arte educadora. Formada em Comunicação Social pela Universidade da Amazônia (Unama/2013) e Mestre em Artes pela Universidade Federal do Pará (Ufpa/2019). É autora do livro de prosas poéticas “Aquífera” (Ed. Escaleras/2018) e da Exposição de Artes Visuais “Elemento Transitório- Caminho de Volta para o mar”. Está atualmente em processo de criação da segunda obra literária e de novas séries performativas.

Lá estava eu vendo o mar  
E pensei no quanto ele é belo e profundo.  
Lembrei de você  
Da profundidade de seus olhos  
E da beleza de seu olhar  
sereno  
cheio de paz  
e amor para dar  
Logo te vi saindo do mar  
Ah o mar!  
Só você e ele para me acalmar.

Momentos de alegria em família  
Viram momentos tristes  
Queria ter bons momentos de pai e filha,  
mas não existem  
Pois, cada um está em um lugar diferente  
E isto deixa um vasto vazio.

Vejo pais e filhos na rua  
no cinema  
em todos os lugares se divertindo  
Conversando...  
E penso: como deve ser bom ter um pai presente!  
Vendo cada mudança sua,  
Cada vitória e conquista  
e a única coisa que posso fazer  
para ter um momento pai e filha  
É por telefone  
Que não é o mesmo que ter ele em carne e osso ao meu lado.

Pai presente? Queria  
Mas eu assim como muitos não posso ter.

**BRUNA IKEDA BASTIANI** é capricorniana, nascida em Belém do Pará. Estudante do curso Técnico de enfermagem. Entre estudos e o mundo nerd (amo vídeo games!), agora nos momentos de inspiração, tento fazer poesias.

Em meio ao silêncio,  
o choro incontido  
trazia consigo a dor atroz  
que a consumia ao amanhecer e pôr do sol,  
sufocara contínuas quimeras,  
perdidas hoje no fio da vida.

Em meio ao silêncio,  
descobriu ser feita de inconstantes  
reminiscências de versos  
gravados em seu coração.  
revelando a angústia  
das primaveras desperdiçadas  
e pelo amanhã que não existe mais.

Em meio ao silêncio  
profundo que as reflexões tecem,  
compreendeu que a imagem ilusória  
revelava no espelho  
parte de quem tinha sido,  
com tantas outras que sempre estiveram ali,  
só perdera a superfície vã das coisas.

Em meio ao silêncio  
se apercebeu gritando  
todas as respostas que suas palavras,  
não souberam se fazer  
entender e ouvir.

Doloroso final,  
sem sequer termos tido um começo.  
Impondo-me um cotidiano de pensamentos fugídios  
que olvidam a perda consciente.  
Quanta insensatez,  
tudo o que resiste, naturalmente persiste.  
E a inquietação de não ter dado azo ao desejo  
Nem termos nossos sonhados passeios além-mar  
Tampouco nos amado nas noites enluaradas.  
Impõe-se trazendo a tona  
o sentimento renegado pelo silêncio dos meus lábios.  
Tão vívido e propagado no interior do meu peito  
Forçoso me é reconhecer,  
que no anseio egoísta de não querer te perder  
Ao invés de me perder em você  
sucumbi ao medo e  
perdi justamente a mim.

**CLÁUDIA CHINI** é advogada, ativista social, Ex-Conselheira da OAB Subseção Marabá e do COMDIM - Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Mulher, palestrante e colaboradora jurídica do Fórum Permanente de Mulheres de Marabá, membro fundadora da AESSP e da ALB - Academia de Letras do Brasil, Seccional Sul e Sudeste do Pará, autora do livro *Entreabrir-se...*, na 3ª edição do Projeto Tocaiunas, e participou da II Antologia da AESSP.

Veio o navio da Holanda  
De Presidente Vargas foi batizado  
Com aparência tão luxuosa  
Quem o via ficava abismado.  
Com salas de máquinas blindadas  
Quatro andares, torres, espelho de cristal  
Poltronas bem confortáveis  
Tinha até cabine presidencial.  
Navegou por dezoito anos  
Escasso de manutenção  
A, B, C eram suas categorias  
Contava também com um porão.  
Deslizava tal qual um cisne branco  
Tão garboso que dava para encantar  
Seu apito distante já anunciava  
Que ele, o Príncipe, ia chegar.  
As pessoas se enfeitavam  
Vestiam suas roupas mais belas  
Quem não podia ir ao cais  
Espiaava da janela.  
17:15, ancorava pontualmente  
Porém naquele dia retardou  
Quase meia hora de atraso  
O povo todo alarmou.  
O comandante preocupado  
Com o megafone avisando  
Para abandonarem o navio  
Porque estava afundando.  
E aquele gigante de ferro  
Diante de olhos incrédulos sumiu  
Indo repousar suas memórias  
No fundo do grande rio.

Uma empresa estrangeira  
 Veio para resgatar  
 A população histórica gritava:  
 — Ele é nosso, veio doente de lá!  
 D. Rosa é uma das pessoas  
 Que o naufrágio presenciou  
 Falou com tanto sentimento  
 Que até me emocionou.  
 Por isso presto esta homenagem  
 A esse gigante herói  
 Por tantas idas e vindas  
 E pela saudade que dói.

**CLENI GUIMARÃES** nasceu em 15 de maio de 1963, no Município de Nova Timboteua. Reside em Capanema, desde os cinco anos de idade. Contadora de histórias, contista, poetisa e escritora de livros infantis com obras publicadas. É Professora de Ed. Física (aguardando aposentadoria) e Titular da Cadeira nº 15 da Academia Capanemense de Letras e Artes.

Na hora do adeus  
Eu te peço  
Não digas nada  
Apenas com as mãos  
Jogue um beijo no ar  
Não fique triste  
Eu também não quero ficar

Por onde passares  
Semeie alegria  
Tua beleza já enfeita  
Teus caminhos  
Tua estrada pode ser florida  
Se algumas pedras encontrares  
Tu com certeza as afastará.

Se nosso mundo  
 Tão disperso de cultura  
 Voltasse no tempo  
 Reviveria tua trajetória  
 Saudosa Zenit

Teu canto seria rememorado  
 Ao entoar o hino  
 Do glorioso São Félix  
 Com tua voz possante  
 Que invade toda igreja

Teus amigos do Cabelo Seco  
 Jamais te esquecerão

Por tua família  
 És perpetuada lindamente  
 Em tuas memórias  
 Ativando em todos  
 A saudade de ti.

**CREUSA SALAME** é poeta, artista plástica e ativista cultural. É a artista plástica com o maior número de exposições solos do Sul e Sudeste do Pará. Possui vários livros de poemas publicados e é acadêmica da Academia de Letras de Marabá e da Academia de Letras do Sul e Sudeste do Pará, ambas com sede em Marabá. Já foi a artista plástica homenageada no *Anuário da Poesia Paraense*.

Quando nossas canoas retornam famintas  
transformamos nossa fome em dança  
quando nossas florestas viram pó  
transformamos nossa asma em canto  
para que quando os gigantes “verdes”  
nos mandem limpar nossos rios  
de sua ganância tóxica  
Marabá já estará revivendo

Porque na cura de cada cicatriz  
aprendemos a arte de cuidar  
no silêncio de cada agrado  
aprendemos a coragem de ousar  
e no mergulho de cada criança  
nasce um rio voador de resiliência.

O jovem olha fixamente pra sua canoa presa  
esqueleto branqueado na lama rachada.  
Por intuito, planta seus pés na flecha da terra  
onde encontram os Rios Tocantins e Itacaiúnas  
e devagar, com vergonha, vira para seu celular.  
*Sou Nego, filho de pescador e lavadeira.*  
*Nasci aqui, Cabelo Seco, onde tudo começou...*

O clichê ecoa nos séculos do silêncio protetor  
que esconde de si mesmo sua raiz-afro.  
*Nunca tinha visto, ninguém pode lembrar...*  
Lágrimas secas enchem os porões de sua voz.  
Seu dedo aponta ao horizonte em chamas.  
*Como explicarei aos meus netos, que asfixiaram  
de tanta ganância e agrado, antes de nascer?*

**DANBARON:** O Galês e hoje, Marabaense, Dan Baron, é performance educador desde 1977. Vive no Brasil desde fevereiro de 1998, convidado em 1999 ao criar o monumento coletivo 'As Castanheiras de Eldorado dos Carajás'. Se aliou com 'Vozes do Campo' na UFPA-Marabá ente 2004-11, se enraizando na comunidade Cabelo Seco em 2008, na defesa de uma Amazônia bem viver. Seus poemas se inspiram de conversas nas esquinas de Cabelo Seco.

Roda  
Circunda  
Afunda  
Sobe  
E desce de novo  
Força que impõe seu impacto

Retorna e corre para o alto  
Pipoca  
Re(corta)  
Des(cola)  
Sobra  
Falta

Estilhaça a graça  
Suporta a barra  
Escancara a janela  
Da pobre sentinela  
A espera de cautela  
No cair da tarde bela

Olho além  
E adiante  
Para além do instante  
Do fio cortante  
Do dia maçante

Olho além  
Do hoje  
Sem cor  
Com ardor  
Mas com algum sabor

Olho além  
Da dor constante  
Da rotina debilitante  
Sem brilho  
Com alguns suspiros  
Promessas cheias de arrepios

Olho além  
Do horizonte  
Da paisagem estonteante  
Que invade  
Meu adiante, além do distante

**DANI ARÊDE** é Psicanalista, psicóloga, Mestranda no Programa de psicologia da Universidade Federal do Pará. Psicóloga na Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará e na Secretaria de Assistência Trabalho Emprego e Renda do Estado do Pará.

Vi dançar aquele pássaro de asas negras  
ao som das folhas, das matas ancestrais que respiram até hoje  
abraçei aquela dança  
apertei forte, enquanto ela acalmava minha dor  
era quase um sussurro em meu peito  
deitei-me e me espalhei naqueles braços de penas  
asas cobriam meus olhos e então o espírito sorria-me  
era quando me era permitido saber que ainda havia voo  
a pedra não derrubara  
por mais que a queda tivesse existido  
por mais que o barulho do encontro com o chão tenha  
[ sido estrondoso  
o grito fez levantar, fez erguer as asas machucadas, mas  
[ ainda altivas  
e eram lindas, como eram lindas  
ali, soube em um segundo os segredos da existência  
nas asas guerreiras, os antigos faziam nascer novamente  
[ o dom da vida  
pela voz do vento que abria os caminhos para a dança  
[ dos céus  
de algum jeito misterioso e tão profundo, tão real,  
soube também que podia voar junto  
e na dor da alma, dancei o corpo, fui som com os dois  
o espírito disse com firmeza a palavra que liberta  
nesse instante, nada mais me detinha  
olhei pra cima e logo me vi no céu, com minhas  
[ enormes penas negras  
planando junto de outros seres alados como eu  
feridos, mas não mortos  
foi possível um esboço de sorriso, o recente ainda estava perto  
mas a visão magnífica do alto engolia tudo  
fui pássaro novamente

cantando sons desconhecidos, despertando a terra  
convocando meus povos de todas as eras  
e as vozes de mistérios rendiam toda lágrima  
que se curvava em recolhimento ante o amanhecer  
[ e o grande sol  
agora gotas, só de orvalho  
e elas brilhavam, cintilantes  
um outro começo e fez-se o ato de fé  
era dia de novo, mais um...

**DANIELLE RAMOS** tem textos publicados no caderno *Poéticas do Laboratório* (2017), na revista *Ver-O-Poema* (fev./2018), tendo também participado do *IV Anuário da Poesia Paraense* (2018) e do *V Anuário da Poesia Paraense* (2019). É paraense, psicóloga e, nas travessias dos dias, arteira na vida.

Eu tive três armas à mão  
E escolhi um escudo  
Eu tive a noite e tive o dia  
E escolhi fechar os olhos  
Eu tinha a febre e tinha o grito  
E escolhi ficar mudo  
Eu tive a ponte e o abismo  
E escolhi este muro

Tanta equivocada justiça  
Tantos fogos de artifício  
Tanto olhei o horizonte  
Não vi esta hera subindo  
De terra e de sangue, sedenta  
Distraiu-me com a violência  
De seu exército obscuro  
A uma distância segura

Não vi esta hera subindo  
Não vi que comia o muro  
Eu tive três armas à mão  
Agora comeu minhas pernas  
Distraiu-me com violência  
Apodreço lentamente  
A uma distância segura  
Apodreço, e isso é tudo.

Dizem que a Islândia fabrica  
O melhor peixe enlatado do mundo.  
Eu nunca estive lá, mas tudo bem  
Porque também nunca estive na Austrália,  
Na Islândia sim, eu viajava  
Ao longo daquela longa estrada que  
Corta os campos abertos e luminosos da ilha,  
Mas de repente parei e, não sei por que,  
Seguia a pé, margeando  
A longa estrada e vendo o céu islandês  
Se impondo sobre os campos abertos  
De repente não tão luminosos porque  
De repente eu vi dois corpos meio cobertos,  
Dois corpos na beira da estrada,  
Mulher e homem abraçados, nus,  
Cobertos apenas por uma fina camada de neve.  
Tinham a pele translúcida e, por baixo,  
Grossas veias azuis.

Nunca mais comi peixe enlatado,  
Embora, sei: sempre amarei a Islândia.

**ELEAZAR VENANCIO CARRIAS** nasceu em 1977, no interior da Amazônia. Publicou os livros *Regras de fuga* (2017) e *Quatro gavetas* (2009), vencedor do Prêmio Dalcídio Jurandir de Literatura, na categoria poesia. Doutorando em Educação na Amazônia pela Universidade Federal do Pará e mestre em Educação pela Universidade de Brasília, atua como pedagogo no Instituto Federal do Pará – Campus Tucuruí. Vive em Breu Branco.

Amanhã bem cedo  
Logo que o dia nascer  
Quero me refazer por inteira  
Acordar para a vida  
Com sorrisos largos  
Como aquele que desenhei  
No meu papel de parede  
Quero vê novas flores no meu jardim  
Flores de diversas cores e aromas  
Iguais os meus que deixo exalar  
Pelas dependências da casa  
Amanhã quando o sol brilhar  
Quero que meus olhos brilhem  
Com o mesmo brilho  
Quando vê os teus  
Caminhar cedo pela vida  
Sentindo no coração  
A mesma emoção que sinto  
Quando toco em você  
Amanhã quero amar como hoje  
Viver o amor de sempre  
E esperar todos os amanhãs  
Para te amar outra vez.

É preciso florescer em nós  
O amar das horas  
O viver do tempo  
Renovar os sentimentos  
Como borboletas que se transformam  
E não sombras e muralhas  
Que apagam o amor  
E corroem a liberdade  
Impedindo os passos diários  
Que escrevem nossa história  
É preciso se encantar  
Com o crepúsculo  
Com os sorrisos que passam por nós  
Com a chuva que transborda rios  
E lava as tristezas da alma  
É preciso sentir desejo de sonhar  
Se vestir de encantos  
Ser gentileza que eleva a beleza  
Se iluminar com as estrelas  
Sendo vaga-lume na vida de alguém  
É preciso ser presença que não se apaga  
Saudade que não se explica  
Eternizar em nós  
O que o coração tem de lindo  
O amor!

**ELZA MELO** é Maria Elza Fernandes Melo Reis – Bacharel em Ciências Econômicas, Analista Contábil, titular da cadeira nº 11 da ACLA – Academia Capanemense de Letras e Artes, possui publicações em Antologias nacionais e internacionais, escritora em diversas plataformas digitais e nomeada em concursos literários de âmbito nacional e internacional.

Do recanto que escondia as minhas horas vagas  
Refugiava-me para silenciar o barulho da cidade.

Os pássaros, sapos, grilos  
podiam eu ouvir sentada  
com as pernas suspensas no chão  
por cima de uma mureta.

Os olhos em lugar nenhum,  
pensamentos em todo lugar  
só lembrei-me da casinha da roça onde descansei.

O amigo vai lá,  
Não para presenciar a dor,  
Mas para acalantar a alma do amigo perdido

Na imensidão dos dias tristes  
Vai lá  
Para mostrar que mesmo no infinito vivido  
É preciso caminhar.

Juntos curar as feridas deixadas.  
Repousar tranquilo em um lugar seguro.

**ELZENIR GOMES** nasceu na cidade de Itupiranga, no estado do Pará. É professora desde o ano de 2002. Possui Licenciatura Plena em Letras, pela Universidade da Amazônia - UNAMA, com habilitação em português e Língua inglesa e literaturas em geral. Também é Licenciada em Pedagogia, com habilitação em Filosofia e Sociologia e pós-graduada, como Especialização em Educação Social para juventude pela UEPA. Participou do júri no I Prêmio Amazônia de Literatura 2018.

No olhar de um amigo pode morar o infinito...

Bálsamo da dor e solidão  
canção de ninar a nos acalantar  
a alma fadigada por tantas dores.  
cicatrizes da caminhada

levanta-te!  
vai lá!  
descortina-te!

pessoa.

mergulha na imensidão das lágrimas contidas.

Aonde estão os olhos  
que procuravam estrelas  
nas infinitas possibilidades?

O canto inebriante  
das intermináveis noites,  
aonde foi cantar?

Suspiros soltos na imensidão dos campos.  
Retalhos de um amor sem fim.

Mergulho nas lembranças do verão  
que se foi em ti...  
para sobreviver ao inverno  
que ficou em mim.

**IVALDO BAIMA** nasceu no município de Itupiranga, no interior do estado do Pará. É Bacharel em Teologia, além disso, atualmente é Acadêmico de pedagogia e ativista social. Essa é a sua primeira participação em uma antologia poética.

Brincar e estudar seria o meu pensar  
Mas a vida do meu Lar, não deixou isso rolar,  
Tenho cedo que acordar e já perambular,

Pois na hora do almoço, preciso em casa retornar  
Trazendo na bagagem umas moedas pra comprar:  
Farinha com Açai, Ovo e Jabá

Logo após, vou à escola, com meus amigos estudar,  
Sendo às vezes incompreendido  
Por quais motivos não estou lá,

O cansaço é muito grande pra quem vive a pirangar...  
Nunca deixe uma Criança por ai perambular,  
Estudar e Brincar deve ser o seu pensar.

Na escola trabalhamos, em prol da inclusão,  
Aprendemos olhar o outro sem discriminação.

No convívio diário, aprendemos várias lições,  
Que o mundo é mais florido sem discriminação.

Mais Humanos seremos, se não houver rotulação,  
Seja pela cor da pele, raça ou religião.

Que fique o aprendizado, para nossas relações,  
Que o amor e o Respeito,  
São valores essenciais para vivermos como irmãos.

**FABIANA VIEIRA BRITO** é licenciada plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, Especialista em Educação Infantil pela Universidade do Estado do Pará, gestora de Escola Pública e professora da Ed. Infantil do município de Ananindeua. Possui alguns poemas publicados e participa pela primeira vez do *Anuário de Poesia Paraense*.

Há uma luz escura  
Em cada alma clara  
Há um lábio sem sentido  
Tentando escutar a si mesmo.

Há pessoas caminhando ao encontro de um simples  
De um “simples-gozo-simples”.  
Há uma clara mentira escura  
Presas nas asas de um anjo.

Há nuvens de desespero pelas casas  
Todas as casas em anti-eixo  
Todas as casas enganadas...

(o errado está tão certo para tantos  
e de tantos o mundo todo está vazio)

Pessoas sentem falta de um amanhã  
De um amanhã sem um ontem  
De um amanhã “manhã-de-sol”  
Onde mesmo a mesmice é novidade  
E o próspero amanhã nunca deixa de viver.

Há tempos em que a máscara insiste em não cair  
Criando leis paradoxais  
Onde o proibido é não poder proibir...

(todo homem é estimação  
se não quiser estar no cativoiro)

Trocado foi o homem humanitário,  
Há tempos...

Se há e se existe onde há a existência?  
Há respostas que o tempo proíbe não proibir.

Há claro e está claro  
Nunca deixou de estar evidente.  
O mesmo sol que nos solta as amarras  
É a maior arma para o fim de um fim decadente.

De sonho em sonho  
O véu que recobre o mundo vai sendo remendado.  
E a esperança e o sorriso  
Há de ser o presente de um futuro renovado;  
Há de ser o tempo sobre todos os tempos...

E os tempos sem vida  
De tantos tempos atrás  
Serão apenas “tempos-de-tantos-tempos”  
Quando não podíamos dizer que éramos bem mais.

**FABIANO VAZ** é paraense, nascido em Belém do Pará. Tem 36 anos de idade. É professor de língua portuguesa. Escreve poesias, contos e crônicas, tendo sido destaque em muitos saraus e concursos literários. Entre eles, destacam-se: Gotas Literárias, de Paragominas-Pará e Prêmio Amazônia de Literatura, onde ganhou — respectivamente — primeiro lugar em poesias e melhor conto.

mar de lance  
lance verde  
lance peixe  
mar de vento  
setembro  
barco a vela  
regata  
águas da Amazônia  
caícas saltitantes  
gós voando  
e a mata sendo  
vendida  
comprada  
compartida  
escorada

vendem o pau  
compram o pau  
compartem o pau  
brasil  
ao capital inter-nacional  
ó, capital!  
que de tantas caras só tem uma

viagem de chihiro

banana, cidreira, mamoeiro, palmeira.  
rosa-branca,  
rosa-madura,  
rosa-menina-rosa,  
rosa-vermelha.  
cana de açúcar, três marias,  
roupas no varal, a graça das garças.  
capim, capim santo.  
mangueira... pitanga! oh, pitanga!  
pé de acerola e de galinha,  
pintinhos de todos os tipos  
e um galo que embaralha tudo quando chove.  
pé d'água mesmo na seca.  
até tomate e codornas.  
ovos e abacaxis, juntos, não.  
frio e tu de perto, cercano sem cercados,  
mas cheio de espriteiras, pinhas e graviolas.  
goiabeira, araçá. carrapicho e canela.  
quiabo, guandú... benedita!  
jaca, jambu pintando o chão.  
mastruz, orquídeas roxas.  
laranja, limão:  
uma quimera.  
um violão.  
eu... e o resto a gente chama de mato.

**FERNANDA ISOBE** tem 29 anos, paraense de Belém, apreciadora das Artes e psicóloga formada pela Universidade Federal do Pará. Tem publicação nas revistas “Sexus” (2016) e “Marinatambalo” (2018).

Em tempos de escassez  
de afetos  
Ser rio, ser chuva,  
mudar, seguir  
Ser mar, ser onda  
recuar - maré vazante  
avançar – mar que se chega  
nunca desistir  
Ser pedra  
dura e fria aspereza  
Cessar esse choro sem lágrimas  
Ser mulher  
na cheia dos rios,  
subverter as margens  
transpassar  
o transbordamento das águas  
No deserto, imponente  
enfrentar a aridez  
olhos erguidos sobre a dureza da rocha  
Em tempos de escassez de afetos  
tudo falta  
tudo exige coragem!

(*Maria de todos os rios de Benedito Monteiro*)

Maria teu gozo primeiro  
o inteiro  
é o gozo de toda mulher  
descoberto

Na vez primeira  
o que semeia um marinhoiro  
desabrocha em flor  
colhida no deserto

Antes,  
por tradição ou penitência  
compreender estrelas  
nunca tinha tentado

E agora,  
nunca mais a mesma Maria será  
apenas seguirá  
reinventando o gozo desvendado!

**FRANCISCA CERQUEIRA** é Francisca Maria Cerqueira da Silva, maranhense, mora em Marabá-PA há quase 40 anos. Professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Participa de diversas antologias, dentre elas os Anuários da Poesia Paraense, desde o início desse projeto. Publicou 03 (três) livros solos de poemas: *Espelho dos meus olhos* (2015), *O feminino em movimento* (2016) e *Jardim Ideal* (2016).

O olhar clemente e julgador  
apontava-me toda a minha culpa.

[negligente. negligente.]

como pude deixar que acontecesse?

Abandonei-a.

Abandonei-os, todos!

Os olhares eram claros:  
[culpado. culpado. culpado.]

a carne exposta  
as feridas abertas  
as larvas...

Tudo o que há de repugnante não evito,  
mas aqueles olhos...

[negligente. negligente.]

como pude deixar que acontecesse?

Carregamos a insígnia do gado,  
a marca invisível do escravo sem cor.  
As correntes que nos aprisionam  
são traços de tinta:  
assinaturas, decretos,  
normas e leis.  
Eu sei, eu sei,  
você sabe,  
todos nós sabemos.  
Carregamos a insígnia do gado  
e a mansidão do conformado  
[ resignação ]

As manchetes escancaram nossa subordinação  
enquanto nossos algozes  
gozam  
[ todos os dias ]  
sobre as nossas costas

**GIROTTTO BRITO** é professor, editor, escritor e designer. Autor de 4 livros. Intusiasta da literatura amazônica.

Tão pleno como o luar  
É o encanto de um beija- flor a voar  
É a vida que jorra de uma nascente  
E a cascata de uma cachoeira  
Lapidando as pedras e raízes  
No percurso de seu ecoar.

O barulho da água da chuva que cai no telhado  
Não tem o mesmo barulho da água que ecoa na mata  
O barulho dos carros na rua  
Não tem o mesmo barulho do canto dos pássaros  
O gosto da vida na cidade  
Não se compara ao gosto das campinas  
Aonde se pode colher das manhãs  
O orvalho da neblina.

A vida já não é mais a mesma  
Não tem o mesmo sentir.  
Existe um canto reservado  
Em cada voz que grita  
Sussurra, suspira, assovia,  
Nas grandes capitais.  
Viva! A vida daqui.

O amor ideal que desejo  
Não é feio de perfeições  
Como o amor em devoção.

Não seria como o amor de Romeu e Julieta  
Unindo suas famílias após a morte  
Que outrora viviam em pé de guerra.  
Nem um arquétipo do amor juvenil.

O amor ideal é feito de imperfeições  
Não é trágico, nem há ressentimentos.  
É um amor singelo e simples.

É como que inexplicável  
Aos olhos de quem não o sente  
Nem seria como uma alusão de Pirro\*,  
Apenas uma idealização do que sinto.

\* *Alusão de Pirro*: diz-se literatura do célebre general grego que significa vitória difícil.

**GLECIA SOUSA** é professora e poetisa, membro fundadora da Academia de Letras do Brasil – Seccional do Sul e Sudeste do Pará – ALB – cadeira número 4 e tem como patrono Gonçalves Dias, e da Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará – AESSP. Com 4 obras publicadas e participação em mais de 10 antologias. Premiada na categoria conto, no 6º Prêmio Inglês de Sousa, em 1º; e 2º lugar no 5º Prêmio Inglês de Sousa.

Voz da sabedoria!  
É estar convencido do que se sabe.  
De que se tem capacidade.  
É o compreender da sabedoria universal!  
Saber se explicar,  
Se expressar.  
Fazer-se compreender.  
Reter na memória o maior potencial de conhecimento,  
Que a sabedoria tem para dar.  
Através dos meios do progresso do estudar.  
Receber o diploma,  
O anel,  
O título,  
A medalha,  
Graus de mestrado,  
Doutorado,  
Línguas,  
Culturas,  
Fama,  
Palmas,  
Honras,  
Reconhecimento!  
O conhecimento do sabe não se compara a sabedoria divina.  
Homem...criatura de Deus!  
Temor a Deus...princípio da sabedoria!

No frescor ensolarado das sombras que cobrem teu chão,  
No elegante estilo da tua leveza;  
Perdida e pensativa estavas...  
E a tua branca nuance do contraste com as cores  
Que dançavam em tua volta;  
Aguçavam o desejo de ver além do que externavas de ti.  
E nem o tempo, a hora, pessoas, palavras, nada;  
Nada te importavas...  
Na combinação entre a intriga e a felicidade,  
Concentrada no conhecimento do teu aprendizado,  
Aquele momento;  
Era o teu maior prazer.

**HELOISA HELENA M. DE MORAES DE SOUZA** nasceu em Belém do Pará. Atualmente reside em Canaã dos Carajás, no Pará. Publicou os livros “Sentimentos”, “Do Fundo do Coração”, “Canto e Conto”, e “Conto Eu?”, e o CD “Paz pra Você”, com canções do livro das histórias dos contos e outras de composições da autora. Muitos dos seus sonhos ainda estão no papel, engavetados.

O seu nome Manoel  
E Manoel era minha vida  
Apesar de ser meu mano  
E tínhamos lá nossas intrigas  
Pra ele dei o meu amor  
E por mim ele dava a vida  
E é por isso que eu o chamo  
Manoel era meu mano  
Meu amigo e minha vida,  
Com 35 anos de idade  
Manoel me abandonou  
Acabando com um sonho  
De uma família bem unida  
De um dia morrerem velhinhos  
Todos seis irmãozinhos  
Mais a sina foi interrompida,  
A morte apressada estava  
E levou Manoel para o céu  
Deixando minha vida  
Amarga como o fel,  
Mas como na vida  
Nem tudo é só intriga  
Manoel deixou lembranças  
De uma vida bem comprida  
E com ele eu aprendi  
A valorizar tudo na vida  
E é por isso que eu o chamo  
Manoel era meu mano  
Minha sina e minha vida.

Com palavras bonita do teu passado quero escrever,  
     Não tive o prazer de te ver nascer,  
     Mas tive o privilégio de viver contigo,  
     Além de um irmão você foi meu amigo,  
 Se hoje sou o que sou foi porque ao teu lado vivi,  
 Os teu conselhos aceitei e em maus caminhos nunca entrei  
     Graças a Deus meu mano amigo.  
 E em minha vida uma metra eu tracei e pensei,  
     Em meu maninho vou me espelhar  
 Foi vendo você sorrir que aprendi a felicidade alcançar  
     E quando você estava certo  
     Teus passo procurei imitar  
 E se acaso você errasse e em maus caminhos começasse a andar,  
     Era estudando teus erros que eu procurava não errar.  
     Daí então a tua missão aqui foi pequena,  
     Mas contigo muito aprendi,  
     Aprendi que a vida é boa e muita bela,  
     Aprendi também o significado da palavra adeus,  
 E uma coisa inusitada em minha vida foi nunca te ver chorar,  
     Por isso também aprendi a não chorar...  
 Mas mano pra você ver que como pra mim você foi um ótimo  
     professor  
 Até mesmo com a tua partida duas novas coisas aprendi,  
     Uma é que saudade não é uma simples palavra boba,  
     A outra é que apesar de tudo  
     Homem também chora.

**ISMAEL S. NASCIMENTO** é filho de dona Carmelita S. Nascimento e seu José Ferreira do Nascimento. Nasceu em 1980, sendo o quarto filho dentre seis tendo o privilégio de ter como irmãos: Regina/Samuel/Regiane/Rosiane. E Manoel o imortal que nem mesmo a morte conseguiu matar sua história.

Meu amor, entrego-me.  
Inútil relutar, rendo-me.  
Baija-me a boca rubra.  
Bocado amargo.  
Dá-me um trago de tua insensatez.  
Beija-me por favor, eu te amo!  
Mente ao menos outra vez.  
O inferno é teu, e tua a dúvida.  
Que importa?  
Vem...  
Sei que mentes bem.

Degusta o perfume do meu corpo.  
Arranca à unha o sabor.  
Sacia-me, ao menos,  
com as ranhuras de teu amor.

Então, por favor aceita essa rosa,  
embora, espinhos dessa tortura.  
Ao menos por compaixão.  
Dá-me o teu mel,  
para que eu engula.  
Não deixa que eu morra.  
Dessa paixão que me estrangula.

Para compor minha poesia...  
 Fui buscar no brilho das estrelas.  
 Na magnitude dos astros.  
 Na beleza dos campos.  
 No azul do céu, no colorido da flores.  
 Na magia das águas, na força dos ventos.  
 Na fluidez do ar.  
 Querendo algo bem maior para comparar.  
 Um jeito melhor de minha poesia brilhar.  
 Foi desnecessário.  
 A minha poesia é a cortina dos olhos.  
 Está sempre aberta para cada realidade.  
 É primavera em pétalas de sorriso...  
 Brilho que reflete por toda a eternidade.  
 Poesia está em todos os cantos.  
 A poesia já nasce pronta é só buscar.  
 Nas cores, no campo, nos prados...  
 Por todos os lados e em qualquer lugar...  
 Na voz, no verde, na cidade.  
 É assim...  
 Não sou eu quem a faço.  
 A poesia é quem faz a mim.

**IONEIDA BRAGA** é Maria Ioneida de Lima Braga, escritora de Capanema - Pará. Membro emérito da Literária Academiae Lima Barreto/RJ. Figura entre os grandes nomes da literatura brasileira - CBJE/RJ. Compõe várias antologias de projetos nacional e internacional, entre outros.

O olho do mundo olha  
poeta  
Olha o poeta  
Só olha  
Diz poeta me cante  
Cante meu corpo meus órgãos minha carne  
De outro modo não existirei

*Ao meu mentor Mauricio Harding*

Um menino morava no coração de um gigante...  
Tinha muito medo  
Tanto medo  
não conseguia gritar  
Pulou  
O coração parou de bater  
E nada foi como antes as memórias boas e  
doces  
o menino sentia dor por ter matado o gigante  
Era tão seguro morar naquele coração.

**JAYME BENARROS** tem 66 anos e reside em Castanhal, no Estado do Pará. É Psiquiatra/PUC Poa, especialista literatura e produção de texto, pela Faculdade Vera Cruz SP. Foi segundo lugar Prêmio de Poesia Alípio da Sobrampa 2019.

Aprender com a dor  
refazer cursos,  
renortear caminhos  
que pela improbabilidade da lógica  
desfazem o compromisso precípua da certeza  
a paz desiderata, sempre a povoar meus roçados  
de eitos e eitos de ternura & tentos.  
esse destinar de ermos à esmos  
plantar no horizonte  
híbridas sementes  
de silêncio e cantos.

Desse universo infindo  
memórias milenares  
a fluir nos vagões,  
à deriva, do ser;  
versos, arquetipificados,  
re-editando passos  
vezes decretam  
um jejum cruel  
de imagens & sons.  
não desejo-os  
atrelados aos meus caprichos  
curvo-me num quase-entender  
da p a l a v r a  
ante a absolvição  
de tentar pô-los  
em minha des-ordem.  
não cortejo conceitos  
esses, não raro,  
soam-me idiotas!

**JAVIER DI MARY-ABÁ** é compositor, poeta, professor, ativista cultural desde a década de 70, um dos idealizadores do extinto FECAM- Festival da Canção em Marabá. Já publicou vários livros de poemas e é membro efetivo de diversas instituições literárias, entre elas Academia de Letras de Marabá e a Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará, ambas com sede em Marabá, no Pará.

À Renailda Cazumbá

Os sobrados cariados  
As tranças cortadas  
O sangue por entre as pernas

Os cadeados enferrujados  
Os dentes amarelados  
Cazumbá doutora  
Ô nega!  
Ninguém segura o vento

As relações afrouxadas  
As desaprendizagens não aprendidas  
A resistência lânguida  
Os corpos negros tombados no chão

O gozo não explodido  
O grito embargado  
A liberdade franqueada  
A voz timbrada pela lágrima  
O tempo passou  
E ninguém o comprou  
(Porque não se pode)

A economia das trocas simbólicas  
 não dá conta de cartografar  
 um poema encharcado  
 de libidos que escorrem por entre os dedos

Um corpo censurado  
 por pais-nossos e ave-marias  
 é uma arma engatilhada  
 com balas de desejos reprimidos  
 e de gozos raptados

As vontades recônditas,  
 antes adormecidas e incólumes  
 agora se erguem insolentes  
 e procuram esconderijo  
 nas brumas do poema

De posse dos segredos,  
 os versos afrontam e insultam  
 liberando o eflúvio  
 próprio dos descaminhos do pecador

O poema devorou minhas entranhas  
 e vomitou promiscuidades.

**JOSÉ ROSA DOS SANTOS JÚNIOR** é Graduado em Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-Ilhéus/Ba), Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Doutor em Literatura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor de Língua Portuguesa e Literaturas do IFPA — Campus Marabá Industrial. Vencedor do Prêmio Eugênio Gomes de Literatura Comparada — Edição 2019.

*à Antonia do Carmo*

A primeira vez  
Na qual nos encontramos,  
Numa tarde de verão,  
Você sorriu para mim  
E eu, sem saber o porquê,  
Já estava amando você.

Mas o amor é assim.  
Às vezes, um sorriso,  
No primeiro entreolhar,  
Faz os dois se apaixonarem.

Logo o amor  
Tomou conta de nós dois  
E os nossos corações  
Não podiam  
Deixar para depois.

O melhor foi nos encontrar  
Deixar rolar esse amor  
Começando um novo rumo  
Entre nós dois.

O Amor iluminou nosso destino  
Tudo é lindo entre nós dois.  
Vamos seguindo essa estrada,  
Fazendo a nossa jornada.

É lá. É lá. Em Capanema do Pará,  
 Que vou tomar o açaí e o vinho de miriti;  
 Sorver os cremes de cupuaçu, e o de bacuri;  
 Vou comer o aipim e o ariá,  
 Regado ao leite da castanha-do-Pará....

Venha participar da festa de *Corpus Christi*,  
 Ficar olhando ou ajudando a estampar com areia e serragem,  
 Paisagens bíblicas e grandes momentos da nossa história.  
 Nesse tapete espalhado pelo chão,  
 Para meu Jesus passar, em forma de puro pão;  
 Abençoando a todos que se dão as mãos.  
 Com muita devoção pedimos proteção.

Vamos participar da festa da Padroeira,  
 Entrar na “Barraca” da festividade;  
 Com alegria, saborear as iguarias, que ali expostas estão.  
 Acompanhemos a grande procissão  
 Da mãe do Perpétuo Socorro,  
 Na data da sua Imaculada Conceição!  
 Peçamos socorro e proteção, saúde e paz;  
 E que no ano que vem, todos possam  
 Participar, com devoção, desta grande procissão.

*Vem cá! Vem cá!*

*A Capanema do Pará.*

*Vem cá! Vem cá!*

*A Capanema do Pará.*

**JOVENCIO OLIVEIRA DA SILVA** é filho de Sebastião Ribeiro e Alice Cruz. Nasceu em 25 de abril de 1954, em Capanema, Pará. Estudou nas escolas estaduais, “Padre Sales” e “Oliveira Brito”. Casou-se em 1988, com Antônia do Carmo Sousa da Silva, com quem tem os filhos: Jonas Matheus, Jorbia Cecília e Jones Tiago. É comerciante e membro de movimentos da Igreja Católica local.

De todas as formas de amor que vivi  
E de meu conhecimento,  
Nenhuma delas foi tão marcante e envolvente  
Como os inesquecíveis momentos que nos foi proporcionado a  
quando olhos e duas bocas  
Onde havia troca de ambas, mas que não foi concretizada  
com a melhor parte, dois corpos em um só..  
Cheguei a ver o tamanho do teu coração,  
Sentia as batidas, as emoções.  
Mais que não foi possível acontece  
Talvez o destino não quis, ou melhor, não tinha que ser.  
Só que transformou em uma história para mim, e quem sabe  
um dia  
Poderá chegar aos olhos do mundo  
Escrita por mim, tipo o primeiro beijo.  
O primeiro amor, como diz o provérbio.  
Um título merecedor de nós dois por aqueles momentos:  
Amor e beijos em detalhes:  
Detalhes por que o teu olhar tocou o meu  
E o sonho dos sonhos não bastava.  
Eu queria tocar teu corpo,  
Ver o teu sorriso refletido na água,  
Mais um é rosto que nunca esquecerei.  
Acho que seríamos escravo de amor.  
Assim fiquei uma metade partida e a outra saudade..  
Saudade de alguém que nunca tive:  
Enfim um dia e tudo se rompeu,  
E eu fiquei na eternidade, do teu abraço.

Nos teus olhos eu vejo o mundo.  
Fico a sombra dos teus olhos  
Deito e acordo na luz do teu olhar,  
Quando olho para o céu, preciso do teu olhar.  
Para dizer-me que a noite está linda.  
Que as estrelas brilham como se tivesse sorrindo  
Preciso dos teus olhos,  
Para dizer-me se faz sol ou se faz chuva, se está nublado.  
Preciso dos teus olhos  
Para tudo á todo o momento  
Pois os meus olhos e só escuridão  
Vivo no meu mundo isolado  
Sem conhecer as cores,  
Sem conhecer o rosto das pessoas que amo.  
Por isso eu te digo:  
Preciso dos teus olhos.

**LARA BORGES** é escritora, contadora de História, produtora cultural, artista visual, artista cicense, gestora sócio cultural e fundadora do Instituto Cultural Hozana Lopes de Abreu, professora de arte educação na FASEPA. Membro fundadora da Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará, membro e fundadora da Academia Brasileira de Letras e fundadora da Cia Turma do Sorriso e da Cia Teatral Asas da Liberdade.

No derradeiro tempo  
Daquele tormento,  
Quando lamento...  
Acreditando ter me perdido  
Nos confins daqueles lençóis;  
O silêncio vem,  
Anunciando mais liberdade  
Para meus momentos.  
Desnudos os medos,  
Em pensamento,  
Surge você.  
Como um soneto,  
Em quatro tempos,  
De três minutos e meio,  
Incitando-me a recitar o irregular...  
Tecendo novas rimas,  
Ainda que em mãos vazias.  
Mas nós estávamos lá.

Por entre as insistentes pedras do encaço do ciclo da vida,  
Rastros longos a sumir de vista,  
Me perder e me achar me tornaram lívida.  
No prumo de reviravoltas e esquinas,  
Inesperadamente, tu vens, com benesses e promessas  
[ não findas;  
Ofuscando meus olhos diante do amor que  
[ me ofereceu guarita...  
Um amor que transborda e faz iluminar meu sorriso,  
Como um emissário de luzes por todo meu caminho.  
Dos seus olhos nascem poema...  
Conjugo o verbo dar e receber.  
Nos teus olhos semeio, colho...que dilema!  
Pois de ti só quero o amor merecer.

**LÍVIA RODRIGUES MESQUITA** é brasileira, goiana, residente e domiciliada em Marabá, Pará, 40 anos, bacharel em direito, poetisa, escritora de artigos de cunho social, cultural e político.

Que tal fazer as malas  
Enchê-las de esperança  
Sair pelo mundo espalhando  
Amor, paz e confiança?

Que tal levantar cedo  
Abrir as cortinas da disponibilidade  
Escancarar as janelas da mansidão  
E vivenciar a alteridade?

Que tal andar de contra o vento  
Dominar o mal pensamento  
Sorrir para a vida plenamente  
E viver o amor intensamente?

Que tal esquecer as mágoas  
Jogar fora o peso do egoísmo  
Rasgar o véu do preconceito  
Acolher o outro sem individualismo?

Que tal acordar para a vida  
Esquecer a maldade sofrida  
Enfrentar a tristeza e a dor  
Com o coração cheio de amor?

Que tal fazer da vida uma arte  
Reverenciar a fantasia  
Escolher seu par na travessia  
E juntos viver a mais bela poesia?

Façam as malas  
É preciso viajar  
É preciso ir, é urgente chegar  
Arrumar a bagagem  
É sinônimo de arrumar a vida, o coração  
Viver é uma longa viagem  
Pode ser triste ou diversão.  
Mas para onde ir?  
Como chegar? O que levar?  
É simples:  
O destino é a felicidade, o amor é a estrada  
Na bagagem levaremos todo o bem que fazemos  
Sem medo, sem mágoas  
O perdão sincero não pode faltar  
Um coração leve, cheio de paz.  
Então poderemos seguir  
Na estrada da vida  
Trilhando o caminho da benevolência  
Do sonho, da realidade e da resiliência  
Essa é uma viagem só de ida  
Não nos é permitido voltar  
Pois o tempo é implacável  
E a vida é só uma para amar.

**LÚCIA BETÂNIA BEZERRA MARTINS** é brasileira nascida na cidade de Castanhal- Pará em 31 de agosto de 1971. Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Pará e especialista em Língua Portuguesa (UFPA) e em Gestão escolar (UNAMA). Trabalha como professora de Língua portuguesa e produção Textual há 31 anos. Considera a poesia um alimento essencial para a alma e para a vida por meio da expressão dos sentimentos.

Vou apresentar pra vocês  
“Senhor Inácio Cancão”,  
Um Paraíba afamado  
Que vive no Maranhão,  
E por ser lá do Nordeste  
O vulgo cabra da peste!  
Tem fama de valentão.

Homem forte e destemido  
De vida muito pacata,  
Trabalhava o dia todo  
E a noite na serenata,  
Cantava bem prazenteiro,  
Quando não tinha pandeiro  
Tocava até numa lata.

Aprendeu a ler sozinho  
Nunca teve professor;  
E se tivesse estudado  
Certamente era doutor,  
Tem fama de valentão;  
É primo de Lampião,  
Um parente bem feitor.

Pra ele nada é difícil  
Eu falo sem exagero,  
Ele já deu em ladrão  
Tiros de sal no traseiro;  
E a fama dele aumentou  
Depois que ele escorraçou  
Um famoso macumbeiro.

Não gosta de caçar briga  
Nem dispensa confusão,  
Mas quando entra em encrenca  
Tem grande repercussão.  
Ele não faz arrodeio,  
Valentão corre do meio,  
Ou prova do seu facão.

Nada disso é brincadeira  
Tenho como comprovar,  
Ele é vivo e consciente  
Pronto para te explicar  
Tudo muito detalhado  
E você vá preparado,  
Pois assunto não vai faltar.

Este velho é meu pai  
Tenho orgulho em dizer,  
E se alguém duvidar  
Pode até se arrepender  
Respondo com garra e zelo  
Não sou de fazer apelo,  
Mas garanto resolver.

**LUSA SILVA (LUSINETE BEZERRA DA SILVA)** é natural de Cacimba de Areia PB, mas reside em Marabá desde 1994, é professora e poeta cordelista autora de quatro livros. Tem poemas publicados em varias antologias. É membro fundadora da *ALB - Academia de Letras do Brasil Seccional Sul e Sudeste do Pará* e da *APLC - Academia Paraense de Literatura de Cordel*.

Não volte, se por acaso ouvir alguma música  
que te faça lembrar-se de mim.  
Isso sempre foi apenas um pretexto  
que te fez bater a minha porta  
e ir embora sem que eu nem perceba.

Não volte em um dia frio  
contando qualquer história  
pra justificar a sua falta de calor,  
a sua necessidade de abrigo.  
Meu colo sempre foi porto seguro  
em momentos tão passageiros.

Não volte em dia de segunda-feira  
dizendo que está em dúvidas  
sobre as suas escolhas  
ou me contando do seu arrependimento.  
Você nunca se arrependeu o suficiente  
para abrir mão de tudo que te fizesse mal.

Não volte pela metade,  
só de vez em quando  
ou simplesmente porque  
não encontrou nada melhor para fazer.  
Não invente qualquer desculpa,  
não quero mais ter que fingir  
que acredito em alguma delas.

Não volte.  
E por favor, me deixe ir.  
Não seja egoísta,  
para me querer sempre a sua espera.

Meus sentimentos sempre transbordaram  
e eu já não consigo mais tentar contê-los,  
simplesmente alimentados  
pela ideia de que um dia você vá ficar.

**MAYANNE MICAELLI DOS SANTOS** tem 32 anos, nascida em Barcarena – Pará, residente em Marabá-PA. Engenheira Civil, apaixonada por palavras, capricorniana cheia de contradições. Escrever sempre foi a minha melhor forma de se comunicar.

Tateando no escuro  
vejo somente o brilho dos teus olhos  
fitando os meus refletidos nos teus.  
Sento-me perto do luar ou de um por do sol  
ou mesmo sob a chuva que de mim fala  
para nos ver em imagens no caleidoscópio das horas que nos  
restam.

É preciso não dormir muitas noites  
para entender o dia  
e, levar adiante a vida como as estrelas.  
E, quem sabe sonhar outros sonhos âmbar gris.  
Sigamos acordados e cordatos em nossos brilhos,  
até para ver nosso passado inteiro,  
mesmo que a chuva que nos lava a alma diga,  
não pare.  
A luz que nos atrai é a mesma que conduzimos por aí.

**MÁRCIO MAUÉS** — Poesia, labor diário e intenso, meus impulsores de vida. Vasculha meu corpo de ponta a ponta e, derrama-se sobre as páginas por horas a fio. Desliza por entre os dedos feito água, impregna minhas horas sobre as peles que me habitam.

É na noite que ocupo a casa,  
Olho em volta  
E me procuro nos cômodos...

Tudo silencioso!  
Aqui dentro ruge um leão!

Nessa casa passo a noite, espiando os sonhos,  
Observando os roncos,  
Velando o sono dos que dormem...

A casa sempre em reforma para agasalhar os filhos,  
Àqueles que nunca vêm...

A casa sabe muito de mim,  
Mas eu mesma sei quase nada...

Na casa, os espelhos esperam para serem expostos nas  
paredes...  
Gosto de espelhos,  
Estão lá os meus reflexos  
E eu, refletida neles,  
Esperando me encontrar...

Trago em mim algo de  
outras casas:  
A sala enorme da casa da avó  
Com o altar dos santos e suas ladainhas...  
O corredor da vila...  
A cama apertada na sala...  
O vizinho que nunca dorme...  
A algazarra das crianças...  
O sogro dormindo na cadeira de balanço...  
O avô se embalando na rede...  
O pai à espera na mesa do jantar...

A mãe sempre andando por todos os cômodos...  
 A paisagem ribeirinha vista da ponte...  
 O canto do galo de madrugada...  
 Os quadros embelezando o quarto dos filhos...

A casa e o verde em volta...  
 A casa e o barulho das matas...  
 A casa e o colorido do jardim ...  
 A casa e o gorjeio dos pássaros...  
 São tantas casas em mim...

O silêncio e eu  
 No escuro da noite  
 Na enorme casa...

A casa guarda as vozes  
 Dos que já se foram...  
 A casa tem memória,  
 A casa tem história,  
 A casa e seus mistérios...

A casa em construção...  
 Também eu sigo em construção  
 Antes que “a indesejada das gentes” chegue.

**MARIA HELENA VIANA** é mestre em Letras e professora da rede de ensino no estado do Pará. Já publicou diversos livros, entre eles *O navio encantado e outras histórias*, *Rios de Mim – Poemas*, *Pequeno dicionário de palavras amorosas* e *Paulina e a biblioteca no quarto*. Já publicou em diversas antologias literárias.

Nódoa...

Amor quando acaba!

Semblante tórrido

Na cova do sorriso

Está a aurora privada...

[Matéria chamejante]

Averiguar doses de quebranto

Falácias do querer

Desembocar tuas esperas ásperas

Sedento pela calma

Seduzido, reduzido ao talvez de um dia.

[Glória de poucos]

Borrão

Fizeste-te

Em meu corpo, minhas digitais.

Tatou de novo

Com traços de nojo

As marcas do adeus!

[Inquilino cético]

Lábios amordaçados

Na sarjeta de tua ambição

Espumas ao clarão do passado

Rastro de mansidão

[Felicidade é nuvem]

Mordaça... O toque teu

Véu de breu!

Amarras da memória

[Dor cômjuge]

Retina estorricada

Colecionadora de rostos desaparecidos

Miragens falecidas

Evasão utópica à vista

[Botões de versos pedintes]

Fraturas ininterruptas

Retratos oblíquos

Engolidas na noite vazia

[Desfizestes armaduras]

Vicejar tuas rugas

Tropeçar tuas pálpebras

Detalhes teus: tratores, canhões, abismos...

A definir.

[Sorriu-me abrindo os sete palmos]

Culpa toda...

Existente em tuas circunscrições!

**MARIA MARIANE**, pseudônimo de Maria José Souza Lima. Professora, cantora, compositora e escritora na cidade de Castanhal – Pará. Graduada em Letras pela UFPA. Entre suas obras literárias estão: *Poemas del amor verídico* (poesias em língua espanhola), *Caminhos e moinhos*, *Felicidade paralela; imperfeição infinita*, *Ex\_ternos*, *Coletânea poética*, *Haikais*, *Versos do avesso*, *Hábitos Poéticos*, *Alhaja* (poesias em língua espanhola) e *Crônicas de chuva*.

Quantos corpos pretos ainda tombarão  
após o estampido da bala?  
Perdida?  
Quantas crianças ainda terão suas camisas  
manchadas de vermelho na volta pra casa?  
Quantos jovens ainda terão seus corpos  
esmagados pela força?  
Sufocados  
até o pulmão exalar o último resquício de ar...  
Quantos de nós?  
Quantos corpos ainda serão expostos?  
Abatidos  
como frango para o consumo?  
A pele arroxeadada, as lábios ensanguentados,  
a íris rompida, a humanidade desfeita?  
Quantas de nós?  
Eu vos pergunto...  
Até quando nossos irmãos terão suas terras  
invadidas?  
A floresta derrubada  
seu povo dizimado...  
Quantos corpos ainda tombarão?  
Quando corpos ainda?  
Quantos corpos?  
Quantos?

Isaura carecia de um amor que ouvisse a voz do mar  
que aprendesse a conversar com as ondas  
e compreendesse que os peixes também entoam cantos.

Carecia de um amor que tivesse preferência pela areia  
a servir de tapete na caminhada rumo às águas  
e que não tivesse medo de velejar à luz da lua.

Carecia de um amor que não tivesse pressa em mergulhar  
e que não se importasse em ter os cabelos molhados  
a escorrer pela face em brasas.

Isaura carecia de um amor que a enxergasse com olhos  
[ de maresia  
que apreciasse o momento em que emergia das águas  
os olhos ainda fechados a contemplar reinos marítimos.

Carecia de um amor  
mas um que fosse palpável como as águas  
e tão grande quanto a extensão do mar!

**MARIA MIQUELE SILVA FERREIRA** é natural de Mãe do Rio/PA. Graduada em Letras pela UFRA. Membro do Grupo de Estudo em Literatura, Cultura e Sociedade (GELICS) no projeto de pesquisa (In) visibilidades, Identidades e Diferenças: raça, gênero, sexualidades e outras interseccionalidades na memória cultural, literária e ecológica dos contextos pós/de(s)-coloniais ou no sul global (UFRA). Membro da Academia de Letras do Brasil – Seccional Tomé-Açu.

O amor perpassa o espaço do tempo  
o vento sopra o eterno por dentro  
e o mistério grudado na carne  
arde  
o impulso é o tempo que brota no pulso  
a boca não sente vontade de adiar  
as mãos não catam empecilhos  
a pele absorve o gosto de outra pele  
as letras do diário  
registram a entrada e a saída dos sonhos.  
O que não preciso  
é que a lágrima tire o brilho do riso  
que o espinho fure o calor do ninho.  
O vento varre as curvas  
o sol clareia as águas turvas  
pássaros em busca de migalhas  
eu olhando o até quando.  
A água bate nas pedras  
e eu vendo  
um vento que parece vivo  
conversa comigo  
sentado à margem de mim.  
Fico assim:  
fincado como árvore  
à margem do fim.  
As correntezas  
já atravessei  
e cansei.  
Com a poesia  
eu sonho e adormeço  
com o silêncio instalado.

Como acordará a minha luz, sem teu sorriso que tudo apaga?  
Como será a costela de quem não está ao lado?  
O umbigo que não grita e os gritos que são surdos?  
Que sabor terá a sobremesa longínqua e o amor que esconde o rosto?  
O que revela o nada e o tudo que só vê fantasmas?  
Quero plantar-te e colher-te com abundância e quero bastar-te,  
[com todos os exageros.  
Quero que pises meu solo e tudo de mim e quero beijar teus cabelos e  
[afagá-los, com mãos de quem planta e colhe.  
Quero fundir-me em ti e incorporar-te em mim, porque nada me  
[basta até engolir-te inteira.  
Quero fertilizar teus sonhos e tirar cópia das tuas verdades e,  
se o tempo permitir, quero entranhar em ti as minhas raízes.  
Que exale em ti o aroma do meu querer-te.  
Que minhas cláusulas incluam os teus entalhes e que o teu beijo  
[seja a minha ceia.  
Que o hálito da natureza te dê o abraço e a luz do aconchego.  
Teus passos colam as minhas páginas e ressoam os meus olhos.  
Teu calor é o meu pão de cada dia e tua voz passeia pelo vale  
[da minha verdade.  
Quero bastar-te sempre e ter como medida o impossível.  
Desfaço no teu cheiro com milhões de prazeres.  
Olhar-me sem ti é não me ver e olhar e não te ver é me perder  
[de vista.  
Na minha porta, a tua foto e sementes.

**OTACÍLIO MOTA** (1934) Paraense de Belém, é delegado aposentado da Polícia Civil. Ganhou notoriedade durante sua carreira por investigar casos famosos de repercussão no estado. Como poeta, tem poemas publicados nas revistas *Marinatambalo*, *Entreverbo* e *Subversa*, e publicou em 2016 o livro *Porque te amo* (independente). Também teve poemas publicados nos livros *Caderno de Poesia e Prosa II* (Subversa, 2018), e na *Antologia da Casa do Desejo* (Patuá, 2018). Participa do *Anuário da Poesia Paraense* desde o primeiro número.

*para Vicente Cecim*

O poeta capina  
tenso  
e  
se distende  
porque faz-se anágua nessa página;

ele busca o riso, risco  
em meio à grama e à campina,  
folhas, falhas.

vives, poeta, a tua h'era,  
íris onde te escondes  
a te mostras dorido, tolhido:  
ancinho, enxada, terçado, pá  
(limpas o terreno  
voas obsceno).

Se tua cave vira-se caverna:  
sombra

sobra  
mito

Platão,

(espera-se que te exasperes e vivas,  
máscaras, barcas e pergaminho  
novelos galvanizados ao vento)

d'aí é que me vingo e salto  
em busca de onde andarás,  
mestre comigo  
caminho

aVe, sim  
em mim,  
sério  
poetaCecim.

A cidade se amahece feito  
um galo saltando do poleiro  
Ciscam, galinha e seus pintinhos,  
o chão; pé de serra;  
E nossos calcanhares tomam de assalto  
ladeiras sonsas e descamadas;  
ou elas se lhe nos consomem  
sem compaixão;

Tiquim mais, meu fiii;  
minei num perde trem não, sô...

Diamantina do contratador João,  
vassalo de El Rey..  
Submisso às anáguas de Xica da Silva  
que com ele fez crescer o Arraial do Tijuco.  
Xica reinventou a África, sua roda da fortuna;  
13 filhos e mais a inveja  
que brancas nutriam;

Xica é indiscreta e cochicha conosco  
no Cruzeiro de cima?  
O zunido e o vento;  
E na penumbra dessa noite de frio  
O sol ameaça estender seu lençol.

**PAULO NUNES** é natural de Belém do Pará. Autor de livros de poemas, infanto-juvenis e didáticos. O seu livro de poemas *Traço-Oco*, publicado pela Penalux, em 2017, foi um dos semifinalistas do Prêmio Oceanos de Língua Portuguesa em 2018. É professor da Universidade da Amazônia – UNAMA.

Irregulares são as linhas que entortam os caminhos  
e provocam intermináveis desencontros  
Causando infrações que desordenam  
O trâmite consensual de qualquer ação,  
pois, as regras precisam ser subordinadas  
Ante a consistência do mantra, procedendo nos vértices da  
[ resolução,  
cujas formas serão fixadas  
Nos esteios capazes de suportar pesadas cargas,  
podendo ser substituídos e não aniquilados,  
porque os desacertos sempre atrapalham  
Qualquer circunstância provocada pela inércia  
de quem deveria reagir, mas prefere continuar na contramão  
Forjando algo que possa ser considerado  
Ato uno de prevaricação  
Postergando o que entraria na rota das boas intenções  
Expondo-se a margem da promiscuidade  
e revogando o que fora institucionalizado  
Mostrando passo a passo, que a razão é dada quando há  
[ reciprocidade  
No emprego da inquirição  
Para que não seja apagado  
O rastro da sabedoria,  
contudo: nada agrida as regras da ética  
e assim, tudo esteja substanciado  
Sob os efeitos da correção,  
revelada dentro do óbvio e monitorada pela lógica.

Os efeitos da ilusão  
Atordoam e cansam o pensador  
Numa crescente avalanche  
Envolvendo sentimento e dor.  
Desavenças inclinadas diante da reação,  
mostrando que a luz precisa estar acesa  
Provendo irretocável decisão  
Pensamentos que são usados e não afligem  
Quem está prestes a definir,  
possíveis atos que mostrem o caminho  
A ser seguido, sob qualquer direção  
Rechaçando-se o que causar desamparo  
Em busca da razão,  
daquilo que se preserva, em detrimento  
Ao que for incluído como tese de acusação  
Resguardando-se as ações positivistas  
Influenciando a verdade como pano de fundo  
Considerando-se os aspectos que determinam a conclusão.

**PAULO VASCONCELLOS** é escritor e poeta, morador da cidade de Capanema/PA, integrante da Academia Capanemense de Letras e Artes-ACLA e da Litteraria Academiae Lima Barreto-Rio de Janeiro/RJ. Publicou três livros autorais “Poetando”, “Inspirações Versatilizadas” e “Palavras do Poeta”. Participa pela terceira vez do projeto Anuário da Poesia.

Minha pequena princesa  
do mais alto castelo  
Com um dragão na minha frente  
dobrei na sala mais próxima  
Procurei teus cabelos  
angústia  
Se dobra no tempo  
meu futuro incerto ao teu lado  
Me apresenta a ti  
as mãos se tocam embaixo da mesa  
Valsa de olhares  
respiração à centímetros  
O leve encostar  
das nossas almas.

Essa pintinha na sua íris  
ilha  
Devo chegar nadando  
com sede  
Me faz  
me perde  
Me olha  
farol de escuridão em toda a sua claridade  
Beijo sua boca de olhos abertos  
pra tentar te decifrar.

**RAFAEL DE AZEVEDO SILVA, 22 anos. É poeta.**

um poema  
para diluir a pressa  
acalmar o coração  
esfriar a cabeça  
quando a veia irriga  
no lance que liga  
e vibra de emoção

um verso  
calmo e lúcido  
para tocar o âmago  
e o estômago  
em rimas toscas  
pobres ricas talvez  
de ideias loucas  
nas noites da embriaguez

uma palavra  
de fazer ferir  
feito mil lâminas cegas  
lânguida em porvir  
de desejos piegas  
no aniquilar de todo sorrir  
depois reerguer do fogo são  
o elixir oculto no fundo sótão  
um poema em versos e palavras  
na brasa da paixão

crescem orquídeas na porta da rua  
escancaram  
arreganham  
abrem-se pétalas e dentes  
lambendo bocas que ardem  
em estio e pêlos

de frente pra lua  
nua às costas  
o sol

homens e seus punhais  
nos olhos

poetas  
declamam  
às amarilis

**RENATO GUSMÃO** nasceu do sumo das folhas e raízes das mangueiras de Belém do Pará. Teve seu primeiro mergulho no perau barrento das águas do Guajará. É poeta, letrista e um dos mais atuantes literatos no estado.

De repente,  
Tudo se fez urgente.  
Meu tempo irresgatável morre,  
A última esperança me socorre.  
E a poesia é a única forma de sabedoria.  
Onde, contudo, aguardar\_ nos\_ ão  
As uvas do paraíso e da canção?  
Tendo em mim o azul do mar  
Ou o queixume final de um poema a recitar.  
Sou o que sobrou.  
Fui...  
O verso em êxtase  
Flui.  
Na certeza de que quanto mais eu escrever,  
Mais pensamentos irão renascer.

A tua poesia, é uma face de cores e brilhos.  
É beijo, é dente na carne, na calma da cama.  
É chuva despindo as almas, das dores que a vida ensinou.  
É dada a palavra tirada dos dons do amor.  
A tua poesia, é corpo da arte esculpida.  
Bonita mil vezes!  
Bonita, bonita, bonita.  
Ofício de homem que sabe, que sabe escolher a flor.  
Em versos num jeito completo de falar de amor.  
A tua poesia, é um pássaro no azul infinito.  
É o espetáculo da arte, o perfume do tempo.  
É seio beijado, é boca que louca de amor satisfaz.  
É hora que a vida se lança e alcança a paz.  
A tua poesia, é nunca outra poesia, é uma asa solta no espaço  
para posse da vida.  
É uma canção luz pintando a pátria que te gerou.  
De nome, de glória, na arte de estilo esplendor.  
A vida é amiga da arte!  
Cantou o artista.  
Por isso tem vida, na tua poesia tem vida.  
Quando o seu corpo ocupa-se de imaginar, pensar e escrever.  
Uma beleza Inefável começa há nascer.  
A tua poesia!  
A tua poesia!  
A tua poesia!

**REUNIVAN TOCANTINS** é Reunivan Ferreira Moraes. Reside No Município De Marabá, no Pará desde a década de 1990. Já publicou cinco livros poemas. É ainda membro da Academia de Letras do Sul e Sudeste do Pará e da Academia de Letra de Marabá.

*Para Paulo Terra*

Boca de poeta nasceu para ser livre!  
Ela solta passarinhos em pleno voo...  
Ela desconhece estilos clássicos, literários e rimas,  
Simplesmente, boca de poeta,  
abre-se livre de gaiolas, de algemas.

Boca de poeta até solta verbos, advérbios,  
Porém, são saltitados com desenhos imaginários,  
[ intuitivos da alma.

Boca de poeta,  
solta pipas coloridas,  
Varais de poesias,  
Caracois de palavras,  
Vagões silábicos.  
Às vezes, o abrir da boca do poeta,  
Até faz intrigas políticas,  
Bochichos, fofocas, maleficências...  
Mas por ser tão Intenso - Imenso  
Língua polida,  
Com senso comum, prolixo,  
SEM censura,  
SEM lisura...

Boca de poeta,  
Solta poala, polém, purpurinas, girassóis, borboletas,  
Tem Ventania, asas, borboletas, livros, músicas, flor-de-lotus,  
griots, poesias...Liberdade!

Minha tristeza é visível e indivisível,  
Minha tristeza tem nome,  
Minha tristeza tem cara exposta em todas as vitrines  
[ de minha vida,  
Minha tristeza almoça e janta,  
Tem perfil familiar,  
Tem sobrenome conhecido,  
Tem sabor da desilusão,  
Tem traços de desesperança.  
Minha tristeza caminha e lamenta,  
Estampa dores de ingratidão!  
Minha tristeza tem um preço,  
Traços, traças, recomeço.

**ROSA PERES** tem paixão pela escrita. Acredita na força da literatura como oxigênio para o povo. Pedagoga, escritora, produtora cultural, membro de várias Academias, Presidente da ALERPRE-Academia de Letras de Rondon e Região, Representante da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras, no Pará e membro da Associação de Escritores do Sul e Sudeste Paraense.

Brisa boa que sopra de sua direção  
Dessas que, tão morna, até arrepia a gente  
É pulsar, é vida, é a mais pura emoção  
Que mesmo sem saber de ti, presente.

Com um tempo para esperar teu amor celeste  
Um pouco de tudo, um rubor quase febril  
Colher nos teus lábios o mel que me deste  
Semente nativa plantada em terra fértil.

E quando é assim, não há nada que a mate  
Nem sonho desfeito, nem distância ou maldade  
Nem aridez dos terrenos que a maltrate  
Brota abundante, vence qualquer adversidade.

Saudade, oh! É essa saudade que perdura  
Ata, confunde, deixa-me suspensa em voo  
Parece dilacerar com toda essa mistura  
Por ser assim tão rica é que não te perdo.

Quero uma casa pintada de branco  
De branco legítimo, branco cal  
Que testemunhe meu riso franco,  
nela, não falte paz, luz nem sal.

Pra cantar com alegria... ouvindo poesia  
Uma casa que me faça arder, festiva,  
daquelas que nos envolve dia a dia,  
deixando livre e feliz, nunca, cativa.

Que se sustente de pedras rústicas  
e que desperte um sentir profundo  
o medo e o silêncio, notas acústicas  
Para os seus, o melhor lugar do mundo.

Temperada com sabores cúmplices,  
que nos invada quando nela adentre  
Com toda a saudade das criancices  
De uma lembrança doce e ardente.

No interior, cores fortes, intensas  
um arrebol que não me deixe inerte  
Que me faça sentir saudades imensas  
Uma casa que não me prenda, liberte!

**ROSE ROSÁRIO** é natural de Bragança-PA, nasceu em 19 de janeiro de 1966. Filha de Antenor V. do Rosário e Teresinha de J. Silva Rosário. Mora atualmente em Ananindeua. Cursa o 10º semestre de Letras Língua Portuguesa na UFPA e participa do Blog Horizontes da Poesia, onde publica regularmente desde 2011, seus poemas, prosas e versos.

No silêncio desta noite.  
Posso ouvir seus passos.  
Ao caminho do meu quarto.  
Entre cobertores e travesseiros.  
Eu te espero nesta noite fria de inverno.  
Seus passos não silenciam.  
E os sonhos não me deixam adormecer.  
Ligo o rádio.  
E como obra do destino.  
É exatamente a nossa canção.  
Que está a tocar nesta noite.  
Abro a janela.  
E um vento frio invade meu quarto.  
Imagino que seja o frio da saudade.  
Tentando congelar meu coração.  
Não encontro estrelas.  
Não vejo encanto.  
Fecho a janela.  
E volto para a cama.  
Ouço ainda seus passos.  
Que não deixam de caminhar.  
A canção que não deixa de tocar.  
E o frio que não deixa essa angústia cessar.  
A porta não se abre.  
E esta noite fria vai passando.  
Junto com ela vai meu sono.  
Amanhece.  
E o silêncio acorda comigo.  
E descubro que os passos.  
Era a solidão me procurando  
E o frio era a saudade me maltratado.

Era final de inverno.  
Fazia muito frio  
Você no face me descobriu.  
Naquele momento com uma forte sensação.  
Pulsa meu coração  
Na mais pura e forte emoção.  
Acordaste o meu amor.  
Envolveu-me com teu calor.  
A paixão me sufocou.  
Agora é primavera!  
O amor bate em minha janela.  
As flores exalam aromas  
Que perfuma a atmosfera  
O sol se escondeu.  
E num momento tão lindo.  
Vi você surgindo  
Dando asas a imaginação  
Escrevi bastante versos  
E surgiu uma canção.  
Meus pensamentos.  
Não foram em vão.  
Flores, cores, eu, você...  
Fizemos a combinação.

**ROSILDA DAX** é especialista em Filosofia da Educação/ SESUPA. Possui trabalhos nas Antologias: *ISLA NEGRA*, *CBJE Poesias 2016*, *IV Anuário da Poesia Paraense 2018*, *V Anuário da Poesia Paraense 2019*, *Revista Eisfluência Conto e Poesia*. Além disso, é Membro da Academia de Letras e Artes - ACLA.

Vou te fala na verdade  
vou te Conta!

Conhece uma linda moça que sonhava em um dia cantar!  
Mas a tal moça tinha medo de se apresentar  
E agora como vou ajuda!

Eu perguntei como posso te ajudar moça?  
Então ela me respondeu:  
— Não sei, só sei sonhar e cantar!  
E então de repente ela, em prantos, começou a chorar!

Com dó então eu falei:  
— Eu vou te ensinar vou te educar  
e vou ensinar a cantar!

Nunca disse para aquela moça aonde era seu lugar.  
Hoje ela brilha como uma linda borboleta  
que não para de voar  
canta como uma linda flor a luz do luar.

Toda mulher, toda criança e todas as pessoas  
sonham em brilhar e cantar  
porque não realizar sonhos  
é morrer neles sem se tornar realidade!

Sonhos são que nem flores  
Cheiram, brotam, crescem e brilham.  
Jamais desista de luta!

Um dia um jovem veio me falar  
que amar é coisa sem pensar!  
Eu falei: — porque está falando coisas sem parar  
Ele me olhou e começou a chorar!  
— Fui traído e não pude reclamar.  
Ela me traiu e o culpado disso tudo  
foi um tal safado de Marabá,  
pois, nós morávamos na roça  
vim para cá só para trabalhar  
logo eu mandei buscar ela  
e ela se apaixonou  
viu a orla de Marabá e por isso me largou!  
Hoje vivo só  
na minha querida roça  
e minha mulher me largou para viver um grande amor!  
Hoje ela mora lá na grande Marabá  
onde ela cresceu, se formou, trabalhou e casou!  
E mora até hoje lá e nunca pensa em largar!

**ROSIMAR COUTINHO** nasceu em Marabá, no Pará, em 1997. É filha de Francisca Coutinho e casada com Ágide Medeiros. Desde pequena demonstrou interesse pelas letras e quando alcançou idade escolar sempre escrevia textos poéticos e com rimas. Seus poemas versam sobre a temática marabaense, ou seja, sobre as coisas da terra e o que encanta a autora.

Você provou o gosto da solidez do amor?  
Você sentiu,  
O calor do afeto,  
Nos olhos distantes,  
Que ainda assim,  
Despejou o conforto no seu sorriso?

Você percebeu,  
No contato suave,  
Porém velado,  
A pele arrepiar?

Você tocou na esperança oscilante da lembrança,  
com o sorriso inquieto da paixão?

Você fechou os lábios  
Com o silêncio da resposta de :  
Cadê você?

Você correu loucamente  
Ao saber que o amor  
Não é inerte?

Você bebeu sozinho,  
No cálice da sua incerteza ,  
O seu próprio desconforto  
Em conceber o amor?

Você lutou, seguindo calmo,  
Em seu caminho, quando  
O amor tropeçou em você?

Pois o amor quem:

Prova

gosta

Sente

quer

Percebe

não esquece

Toca

viaja

Fecha

inquilino é

Corre

não escapa

Bebe

entorpece

Luta

não desiste

“assim é o amor

A carne então se exila com a pura verdade”

**SÉRVIO DIAS** nasceu em Belo Horizonte, em Minas Gerais, mas está radicado em Marabá, no Pará desde 1983. É sindicalista, compositor, músico e poeta. Contribuiu com a fundação da Associação dos Músicos e Artistas o Sul e Sudeste do Pará e é também membro da Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará – AESSP e, além disso, é um dos fundadores do Festival da Canção de Marabá – FECAM.

Segundo a segundo  
Minuto a minuto  
Hora em hora  
O que eu faço agora?

Concentração? já foi embora  
Distração? é o que temos por hora

Qual é o problema?  
As minhas pernas inquietas já não aguentam mais,  
elas querem uma resposta

O que tá acontecendo?  
Eu não consigo pensar em nada  
só contar o tempo  
que está me sufocando  
agora

“Calma, calma, vai passar”  
Eu tento me acalmar  
mas só de lembrar  
tudo volta a acelerar

O corpo fala  
grita  
exala  
suspira  
alivia, alivia, alivia

Ver o sol amanhecer  
e se pôr  
Ver a lua nascer  
e se ir  
Ver a chuva cair  
e sumir  
Ver o arco-íris brilhar  
e se desmanchar

Mas,  
Aquele sol que amanheceu  
e se pôs  
Aquele lua que nasceu  
e se foi  
Aquele chuva que caiu  
e sumiu  
Aquele arco-íris que brilhou  
e se desmanchou

Não vai ser o mesmo das vezes seguintes.

Mesmo que se repita o movimento,  
só terá significado para aquele momento.

**TÁSSIA CURCINO** é Tássia Tamyres dos Anjos Curcino, é licenciada em Geografia pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. Nasceu em Belém do Pará. Tem a escrita como uma forma de expressão do que pensa, ouve, vê, sente. Espera que o leitor possa mergulhar no mar de sentimentos que é a poesia, conectando-se com cada palavra, cada frase/verso, como parte da construção do seu próprio sentir.

Pensar é enfadonho,  
Paciência é perda de tempo,  
Assiduidade é CDF,  
Aplicação é exibicionismo,  
O amanhã é uma ficção.

Cuando el sol se hace en luces pálidas,  
Las colores se desteñan en tristeza.

Cuando los vientos silban en ráfagas,  
Las hojas muertas caen al suelo.

Cuando las noches avanzan las horas,  
El año se queda más viejo.

Así nuestro eterno cambio,  
De un final para nuevo comienzo.

**TAVIKO DE MENEZES** nasceu em Belém do Pará em 1956. Formado em Ciências Econômicas, Administração de Empresas e Turismólogo. Carrega boa produção de escritos, nos gêneros Conto, Crônica, Poesia e Generalidades. Participou do Concurso patrocinado pela Editora Folheando, premiado no gênero Poesia e com uma menção honrosa no gênero Crônica. Além de subsequentes participações em concursos e dos Anuários da Poesia Paraense.

Minhas férias se aproximam.  
Que saudades, tenho de ti.  
Você me desperta.  
Me dando sempre um claro sinal.  
Me provoca,  
Me ascende.  
E logo seguida, me deixa no silêncio da surdina, com um leve  
friozinho na barriga.  
Mais isso é prova do teu carinho especial.

Minha demora, deixa te louco, eu sei que sim.  
Como se tivesse solitário o coração.  
Nessa hora, fico sem nenhuma inspiração.  
Mais sempre recorro a velha mania.  
Em ver tua fotografia.  
Não tenho como negar.  
Me provoca arritmia.  
Inspira minha poesia.  
Eu amo te amar.  
O meu coração acelera.  
E essa parte pra mim, é tão bela.  
Porque estarei contigo nas férias.

Vives em mim, que a eternidade nos abrace na brisa da noite.  
No calor do dia.

Se diferente for, não à o brilho prateado do luar.  
Com certeza o sol se apagará.  
Certamente esse amor não passará.  
Porque vives em mim.  
És amado esse teu olhar esverdeado, de riso nos lábios.  
Um grafite a correr, sem medo e sem pudor.  
Velado entre o presente e o passado.  
por mim baseado, como o azul celeste céu, e as ondas  
[ verdes do mar.

Vives em mim, e se for diferente, tudo pode mudar, ainda  
assim, o coração carregado de paixão, não perderá a química  
de te amar.

**WAL OLIVEIRA** nasceu em Araguatins, no Tocantins. Reside em Marabá, no estado do Pará, desde o ano 2000. É escritora, artesã, artista circense, coreógrafa, locutora, atualmente é representante a cultuara de Marabá, nas categorias, circenses e teatro. Já publicou em diversas antologias literárias.

Lancei o amor às correntezas  
pra desaguar na foz de um rio  
foram junto a ele as minhas preces  
para reencontrá-lo junto ao mar;

saber amar mesmo à distância  
saber sofrer com amor ausente  
e o esperar mesmo que sofrido  
faz do destino uma esperança;

o ardor do abraço ao reencontro  
faz o peito fremir e parar o momento  
faz vendaval de flores e pétalas no ventre  
então nos sentimos com borboletas no estômago...

Se eu pudesse  
escreveria uma poesia  
tão bela, tão leve  
como uma manhã de sol.

Desejaria que ao lê-la  
você se sentisse leve como gaivota  
voando alto no infinito  
entre montanhas, ar e meus rios.

Seria uma poesia diferente  
que tocasse todas as gentes  
com a beleza das chuvas mansas  
e a delicadeza das flores.

Ah! Eu queria lhe oferecer uma poesia  
que não fosse triste como meu País  
que lhe causasse um sorriso  
que alentasse o coração.

Ah! Se eu pudesse escreveria uma poesia  
que florescesse esperança  
nessa gente cansada  
de viver e de sofrer.

**WELK ALVES** é poeta e escritor paraense, vive atualmente em São Félix do Xingu, no estado do Pará. Escreve diversos gêneros textuais, como poesias, mensagens, textos evangélicos, crônicas e contos. Já publicou em diversas antologias literárias.



*Tipografia:* Andada e Montserrat  
Papel pólen 80g/m<sup>2</sup>  
Impresso em julho de 2020.